



{SÃO
ROQUE

ANTIGUIDADES & GALERIA DE ARTE



{SANTO ANTÓNIO § MARFIM § INDO-PORTUGUÊS, SÉC. XVII}

SANTO ANTÓNIO § MARFIM § INDO-PORTUGUÊS, SÉC. XVII
ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE



Sã o R o q u e

ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

RUA DE S. BENTO, 199B e 269, 1250-219 LISBOA \$ T+F +351 213 960 734 \$ T +351 962 363 260 \$ E GERAL@SAOROQUEARTE.PT \$ WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM

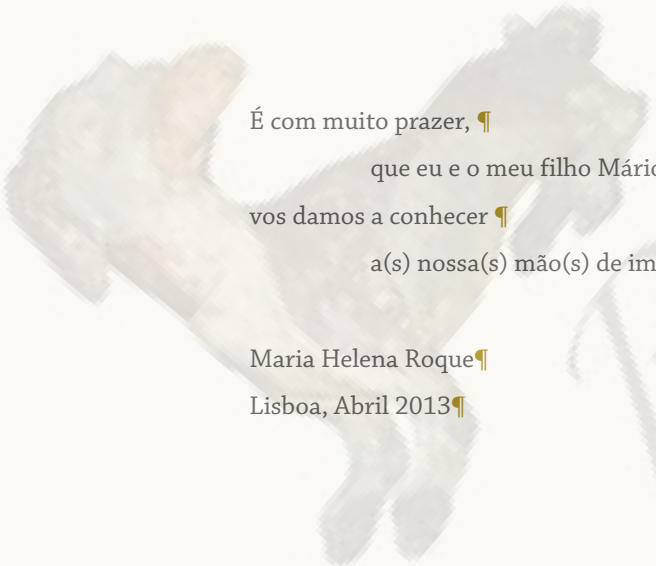
ÍNDICE

- 007 § Mobiliário
- 016 § Pratas
- 048 § Porcelanas
- 060 § Arte de Fusão
- 084 § Pintura



3

Sã O
NTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE
Rogue



É com muito prazer, ¶
que eu e o meu filho Mário, ¶
vos damos a conhecer ¶
a(s) nossa(s) mão(s) de imagens... ¶

Maria Helena Roque ¶
Lisboa, Abril 2013 ¶

Sã O
NTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE

001. MESA DE ENCOSTAR D. JOÃO V

Pau-santo
Portugal; séc. XVIII
Dim.: 83,0 x 103,0 x 60,0 cm

A D. JOÃO V SIDE TABLE
Brazilian rosewood
Portugal; 18th century
Dim.: 83,0 x 103,0 x 60,0 cm

Elegantíssima mesa de encostar D. João V em pau-santo maciço, com tampo recortado e saliente, decorado com rebaixo acompanhando as linhas do corpo. Caixa ondulada com saiais decorados com elementos vegetalistas entalhados. Tardoz em pau-santo rematado por friso relevado que segue o movimento das pernas. Estas são arqueadas com pronunciada e elegante curvatura e pés em *sapata*. Ferragens em bronze da época.



002. PAR DE CADEIRAS D. JOÃO V/D. JOSÉ

Nogueira
Portugal; séc. XVIII
Dim.: 119,0 x 52,0 x 47,0 cm

A PAIR OF D. JOÃO /D. JOSÉ CHAIRS

Walnut wood
Portugal; 18th century
Dim.: 119,0 x 52,0 x 47,0 cm

Par de cadeiras barrocas em nogueira maciça entalhada do século XVIII.
Espaldar alto com tabela lisa e recortada. Os cachços, ricamente entalhados e vazados exibem, nas exuberantes formas curvas e na decoração de conchas, a influência francesa. Assento de forma trapezoidal, com aba ondulada e saial decorado com motivos *rocaille*. Joelhos curvos entalhados, terminando nas pernas dianteiras em pés de garra sobre bola, tipicamente Joaninos. Pernas ligadas por travessas em forma de "X".



003. CÔMODA D. JOÃO V

Pau-santo
Portugal; séc. XVIII
Dim.: 82,0 x 103,0 x 56,0 cm

A D. JOÃO V COMMODE

Brazilian rosewood
Portugal; 18th century
Dim.: 82,0 x 103,0 x 56,0 cm

Cómoda D. João V de três gavetões em pau-santo maciço, com frente e ilhargas onduladas e decorada com motivos entalhados. Tampo rectangular, liso e recortado, levemente moldurado, acompanhando o movimento da frente e das ilhargas com cantos dianteiros arredondados.

Gavetas com frentes lisas e com embutido desenhando moldura periférica de filete, com motivo floral nos cantos.

Saias frontal e laterais recortados e muito desenvolvidos, decorados com elementos de *rocaille* de disposição simétrica, volutas e enrolamentos vegetalista. Pernas de joelhos volumosos com o mesmo tipo de decoração, terminando em pés de garra e bola. Ferragens em bronze.

Típica cómoda Joanina que reproduz com mestria as superfícies curvas, os concheados no saial e os pés com garras segurando esferas.



004. BUFETE

Pau-santo

Portugal; séc. XVII

Dim.: 88,0 x 133,0 x 81,0 cm

A PORTUGUESE CENTER TABLE

Brazilian rosewood

Portugal; 17th century

Dim.: 88,0 x 133,0 x 81,0 cm

Bufete português de centro do séc. XVII, em pau-santo.

O tampo liso, espesso e com rebaixo repousa numa caixa com quatro gavetas simulando seis, de rebordo serrilhado, separadas por três modilhões estriados com elementos decorativos goivados.

Assenta em quatro volumosas pernas de torneados alongados com elementos em forma de bola

e disco, unidas por travessões inferiores torneados ao jeito das pernas. Pés em forma de bolacha. Ferragens em latão recortado e vazado.

Móvel típico de sala de jantar, usado para exposição da baixela rica.

De salientar o facto de o tampo ser em pau-santo maciço, o que lhe confere grande qualidade, uma vez que costumam ser em sucupira ou vinhático.





005. MESA DE JANTAR

Vinhático

Portugal; finais do séc. XVIII

Dim.: 78,0 x 460,0 x 150,0 cm

DINING TABLE

Mahogany

Portugal; late 18th century

Dim.: 78,0 x 460,0 x 150,0 cm

Mesa de jantar de tampo rectangular com cantos arredondados, com seis tábuas de extensão. Assenta sobre três colunas do tipo pedestal terminando em pés de garra com rodízios. O tampo apresenta cor e patine uniforme e sedosa.

Com mecanismo de “acção tesoura” em concertina, pode solidamente suportar seis tábuas. Este fabuloso mecanismo foi patenteado em finais do séc. XVIII por *Wilkinsons of Moorfields*, evitando pernas nos cantos e ao longo da mesa, o que confere uma aparência muito mais elegante.



006. **CÓMODA D. JOSÉ**

Pau-santo, espinheiro e pau-rosa
Portugal; séc. XVIII
Dim.: 93,5 x 115,0 x 68,0 cm

A D. JOSÉ COMMODE

Brasilian rosewood, kingwood and thornbush
Portugal; 18th century
Dim.: 93,5 x 115,0 x 68,0 cm

Cómoda de três gavetões, em trabalho de marchetaria de pau-santo, pau-rosa e espinheiro, ao gosto francês. Frente e ilhargas abauladas, com saiais recortados e vazados. Tampo, gavetas e ilhargas decoradas com moldura de efeito visual claro-escuro aproveitando o veio da madeira e que desenha padrões geométricos em diamante. Pés de “garra e bola”. Puxadores *rocaille* em latão dourado.

Esta peça reflecte o estilo imperial de Luís XV, cuja influência se estendeu por toda a Europa.



007. MESA DE ENCOSTAR D. JOSÉ

Pau-santo
Portugal; séc. XVIII
Dim.: 83,0 x 116,0 x 63,0 cm

D. JOSÉ SIDE TABLE
Brazilian rosewood
Portugal; 18th century
Dim.: 83,0 x 116,0 x 63,0 cm

Elegante mesa de encostar D. José, em pau-santo entalhado, com duas gavetas. O tampo, com rebaixo e recortado, acompanha a ondulação da caixa na frente e nas ilhargas. Caixa abaulada de linhas suaves e sinuosas, com gavetas de frentes lisas, decoradas com friso emoldurado. Decoração representando flores estilizadas e volutas, com maior desenvolvimento no saial frontal e nas ilhargas. Assenta em pernas de acentuado encurvamento, terminando em pés de cachimbo.

Ferragens em bronze recortado e vazado.



008. SOFÁ - TABLE JORGE II

Mogno

Inglaterra; séc. XVIII

Dim.: 68,0 x 144,0 x 75,0 cm

A GEORGE II SOFA TABLE

Mohogany

England; 18th century

Dim.: 68,0 x 144,0 x 75,0 cm

Sofa-table da época Jorge II, em mogno. Tampo rectangular com cantos arredondados, abas laterais articuladas e duas gavetas. Moldura embutida com filete em espinheiro, acompanhando o movimento do tampo. As gavetas estão ladeadas por figuras da antiguidade romana embutidas e grafitadas, finamente desenhadas o que a torna invulgar e de rara beleza; entrada das fechaduras de pau-santo em forma de escudete. Assenta sobre pernas curvas em forma de sabre, terminando em pés simples com rodízios.

O estilo “georgiano” tem como principais características o equilíbrio, a elegância e a simetria, mostrando uma forte tendência à harmonia clássica.



009. SECRETÁRIA “ABATTANT”
 ESTAMPILHADA N. SÉVERIN
 Nogueira, espinheiro e bronze
 Interiores em carvalho
 França; séc. XVIII
 Dim.: 134,0 x 81,0 x 36,0 cm

FALL-FRONT SECRETAIRE
 BY N. SÉVERIN
 Walnut and thorn with inner oak
 France; 18th century
 Dim.: 134,0 x 81,0 x 36,0 cm

Secretária com tampo de rebater da época Luís XV,
 da autoria de Nicolas-Pierre Séverin (1728-1798),
maitre ébéniste em 1757, estampilhada no tardo.

De formato rectangular com cantos cortados, o
 corpo superior tem tampo de rebater forrado
 no interior com couro esverdeado e está
 dividido em pequenas gavetas e prateleiras

para arrumação de documentos. Está
 encimado por gaveta estreita onde assenta
 um tampo de mármore.

Corpo inferior com duas portas e prateleira no interior.
 Estrutura em carvalho maciço, facheado a nogueira
 com embutidos em espinheiro, decorado com
ormolu. Aplicações de elementos estilizados e
 vegetalistas, em bronze dourado, nos quatro
 pés e no saial.

Mestre Séverin foi um precursor da técnica *bouille*.

O seu mobiliário tem uma estrutura de base
 simples, com linhas bem definidas, sobre
 a qual é aplicada a marchetaria, elaborada
 a partir de madeiras de eleição de forma
 a oferecerem um bom contraste de cor e
 efeito visual claro-escuro. As aplicações
 metálicas (geralmente bronze dourado) são
 utilizadas para proteger as arestas, cantos e
 pés, e também com o objectivo ornamental,
 enriquecendo a peça.

Este tipo de secretária revela um sentido arquitectónico
 virado para o moderno funcionalismo.

010. TURÍBULO

Prata Indo-Portuguesa; séc. XVII

Alt.: 19,0 cm

Peso: 306,0 g

CENSERIndo-Portuguese silver; 17th century

Height: 19,0 cm

Weight: 306,0 g



Queima-perfumes em prata utilizado para incensar e destinado ao cerimonial sagrado. É composto por um recipiente com tampa perfurada e suspende-se com quatro longas cadeias, uma das quais serve para içar a tampa. O incenso é posto sobre as brasas colocadas no interior do recipiente.

Cúpula ou chaminé decorada com motivos geométricos, em forma de escamas, e florais vazados, para permitir a saída do fumo perfumado. A tampa da cúpula é circundada por um friso de pérolas e rematada na parte superior por um pequeno esferóide, a que se sobrepõe uma argola de suspensão.

O corpo ou caldeira é decorado com uma faixa de canelados, intervalados por um friso perlado, em prata cinzelada. Assenta sobre uma base circular em prata lisa com um friso de godrões.

O guarda-mão é lavrado com um círculo de flores de lótus e dispõe de um sistema de três cadeias de suspensão, de modo a permitir levantar a tampa para introduzir as brasas e o incenso.

O turíbulo é um objecto litúrgico onde, sobre brasas incandescentes, se queima incenso, para perfumar o ambiente das igrejas, os officiantes, o povo assistente e, sobretudo, os altares. Usado também em cerimónias fúnebres, o fumo do incenso, libertado em espirais que subiam na atmosfera, assinalava o respeito e deferência que mereciam os mortos, especialmente se deles restavam relíquias.

Vd. - "Exotica"; *The Portuguese Discoveries and the Renaissance Kunstammer*; F. C. Gulbenkian; Lisboa, 2002

- "Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa de Rachol"; F. C. Gulbenkian; Lisboa, 2003

011. CALDEIRA E HÍSSOPE

Prata Indo-Portuguesa; séc. XVII

Alt.: 12,0 cm

Peso total: 319,0 g

HOLY WATER FONT AND ASPERSORIUM

Indo-Portuguese silver; 17th century

Height: 12,0 cm

The total weight: 319,0 g



Caldeirinha para conter água benta, em prata cinzelada, com corpo semi-esférico bojudo, pé circular e asa.

O bojo apresenta decoração vegetalista com folhas de acanto, base com um friso de motivos incisos lineares e um cordão de godrões e pega basculante em prata lisa, com um anel emoldurado ao centro.

Híssope, com parte superior do cabo de formato ligeiramente cónico e decorado em toda a sua extensão por uma espiral de flores e folhas que se desenrola até à extremidade ou pomo de aspersão perfurado e decorado com folhas de acanto, fazendo conjunto com a caldeirinha. O cabo é encimado por uma semi-esfera cinzelada e rematada por um botão liso.

A caldeirinha de água benta tem, como quase todos os objectos da liturgia cristã, uma origem que recua até aos primeiros séculos da nossa era, quando era hábito haver à porta das igrejas depósitos de água que serviam para os fiéis lavarem as mãos antes de entrarem na Casa de Deus. Diminuindo de tamanho, esses depósitos acabaram por ficar fixados nos lados das portas das igrejas, a fim de quem nelas entrasse se pudesse simbolicamente purificar. Passando à condição de objecto móvel, as pias de água benta, agora caldeirinhas, vão desempenhar as funções de recipiente para conter a água a ser aspergida sobre os fiéis ou sobre objectos que se pretenda sejam benzidos. Esta tipologia de caldeira e híssope permanece até ao século XX.

Vd. - "Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa de Rachol"; F. C. Gulbenkian; Lisboa, 2003

- "Presença Portuguesa na Ásia"; Museu do Oriente

No séc. XVII eram comuns dois modelos distintos de salvas, dir-se-ia mesmo diametralmente opostos: um que vive sobretudo da forma e em que dominam as superfícies lisas, outro com uma exuberância decorativa que lhe confere um carácter barroco.

Nas formas repuxadas em simples gomos lisos, percebe-se o ressurgir da sobriedade e da dignidade plástica da ourivesaria romana do séc. III. O número de sectores varia em geral entre oito e dezasseis, excepcionalmente chega a trinta.

Representam uma preferência do gosto nacional, sendo estas formas lisas, de prata batida e modelada, muito frequentes entre nós e tão raras na ourivesaria estrangeira da época e eram sobretudo utilizadas como peças de uso comum, nas casas fidalgas e mais ricas da época.

A beleza destas peças reside essencialmente na sobriedade e pureza das formas em que o escavado dos gomos provoca um jogo de volumes que, combinado com a radiação luminosa, confere a estes exemplares uma grande dignidade plástica.



012. SALVA DE GOMOS

Prata Portuguesa, finais séc. XVII
 Marca de ensaiador de Santarém S-1
 Marca de ourives de Santarém não identificado AM
 Diam.: 27,0 cm
 Peso: 335,0 g

A PORTUGUESE SILVER SALVER
 Portuguese silver, late 17th century
 Santarém assay mark
 Unknown makers mark AM
 Height: 27,0 cm
 Weight: 335,0 g

Salva redonda em prata lisa ornamentada por catorze gomos sulcados e dispostos em torno do centro.

No medalhão central relevado, com um toro alto em torno, encontra-se gravada uma marca de posse.



**013. SALVA DE GOMOS**

Prata Portuguesa; séc. XVII
Sem marcas
Diam.: 22,0 cm
Peso: 180,0 g

A PORTUGUESE SILVER SALVER, 17th CENTURY
Unmarked
Height: 22,0 cm
Weight: 180,0 g

Salva redonda em prata martelada, com centro liso terminando em moldura alteada, lisa e em meia cana, com catorze gomos radiando a partir do centro que conferem à peça um bordo multilobulado.

014. SALVA DE GOMOS

Prata Portuguesa
Marca de ensaiador do Porto (P8)
Marca de ourives do Porto não identificado AVR
Finais do séc. XVII
Diâm.: 34,5 cm
Peso: 535,0 g

A PORTUGUESE SILVER SALVER

Porto assay mark
Unknoun makers mark AVR, late 17th century
Height: 34,5 cm
Weight: 535,0 g

Salva redonda em prata, com centro liso, com moldura periférica relevada, lisa e com a orla recortada definindo 26 gomos côncavos sulcados em dimanação do centro. Moldura alteada lisa de perfil convexo.



A ourivesaria profana do reinado de D. José sofreu uma maior influência inglesa que francesa. Fomos muito mais sensíveis ao gosto britânico, que à fantasia e ao naturalismo da ourivesaria francesa desta época, tendo tido o nosso *rocaille* uma exuberância moderada com peças em geral bem cinzeladas.

Os primeiros bules do reinado de D. João V são de formato piriforme e de corpo liso. Rapidamente evoluíram para o *rococó*, com bojo ornamentado de flores, rosas e pequenas margaridas e para os temas *rocailles*, e tampas em cúpula baixa rematadas em botão.

O bico caracteristicamente desenha um colo de cisne envolvido na base por um regalo de estrias e abertura toucada por um acanto. Assentam sobre três pés aplicados com a inserção em leque e, mais tarde, sobre base circular.

As obras de pleno reinado de D. João V caracterizam-se pela elegância e elaborada decoração, cujos ornatos giram em torno de conchas, volutas – em curvas longas e breves – palmas e vieiras em que desponta já o ritmo do *rocaille*.

O chá, o café e o chocolate, as novas bebidas quentes, surgem na Europa no final do séc. XVII, desenvolvendo-se o seu culto

amplamente durante o séc. XVIII. Este novo e exótico gosto, apenas acessível aos mais abastados, vai fazer surgir todo um novo repertório de peças na arte da ourivesaria. Em Portugal as primeiras chaleiras, bules e cafeteiras em prata surgem no reinado de D. João V, apesar de o hábito de beber chá ser conhecido desde a segunda metade do séc. XVII. Consta a lenda que, quando D. Catarina de Bragança (1638-1705) viaja para Inglaterra para casar com o rei D. Carlos II, desembarca em Portsmouth com dores de garganta e febres altas. Ter-lhe à sido sugerido por um médico que bebesse cerveja, costume muito comum em Inglaterra, ao que Catarina terá respondido que preferia tomar uma chávena de chá. Este desejo provocou uma enorme agitação entre os presentes, já que o chá não era bebida conhecida na corte. E terá sido através desta Rainha que nasce, como em nenhum outro país Europeu, o ritual do consumo e elaboração do chá, requinte na época muitas vezes presidido pelo próprio anfitrião da casa.

Vd. - SANTOS, Reynaldo dos; QUILHÓ, Irene;
 “Ourivesaria Portuguesa nas Coleções Particulares”;
 Lisboa, 1971



015. BULE D. JOSÉ

Prata Portuguesa relevada e incisa
 Marca de ensaiador de Lisboa (1750-1770)
 Marca de ourives de Eugénio José Lima
 Alt.: 20,0 cm
 Peso: 1017,0 g

A PORTUGUESE SILVER TEAPOT
 D. José, King of Portugal (1750-1777)
 Lisbon assay mark (1750-1770)
 Eugénio José Lima makers mark
 Height: 20,0 cm
 Weight: 1017,0 g

Belíssimo e raro bule com corpo em forma de “pera invertida” e com decoração gótica.

Apresenta profusa decoração *rocaille* gravada, repuxada e cinzelada em folhagens, flores – malmequeres, crisântemos – concheados, volutas e grinaldas. Tampa de cúpula baixa, com dobradiça embutida que remata com um botão em ébano.

Bico com curva elegante, em colo de cisne canelado, que remata com cabeça de golfinho, envolvido como um folho, por folhagem de acantos, de contornos relevados e bem cinzelados.

Asa em ébano em forma de “C” com folhagem entalhada. Assenta sobre base circular de bordo liso.



016. BULE D. JOÃO V

Prata Portuguesa relevada e incisa
 Marca de ensaiador do Porto
 Séc. XVIII (1770-1783)
 Marca de ourives João Gonçalves dos Santos,
 GS (1768-1804)
 Alt.: 25,0 cm
 Peso: 1593,0 g

A PORTUGUESE SILVER TEAPOT

D. João V (1706-1750), King of Portugal
 Porto assay mark, 18th century (1770-1783)
 João Gonçalves dos Santos makers mark
 (1768-1804)
 Height: 25,0 cm
 Weight: 1593,0 g

Importante bule em prata portuguesa com corpo em forma de pêra invertida. Bojo decorado com entablamentos arquitectónicos enriquecidos de profusa decoração *rocaille* repuxada e cinzelada, em folhagens, rosas, concheados e volutas, ornamento que se prolonga na tampa, ricamente decorada e que termina com um botão de prata, em forma de flor.

Bico com motivos vegetalistas e concheados flamejantes repuxados, que termina em cabeça de cisne.

A asa é cinzelada com motivos florais e separada ao bule com duas argolas de marfim, isolantes térmicas.

Base circular e recortada com uma orla ricamente cinzelada de flores e volutas.

017. CHALEIRA SOBRE TREMPE D. JOÃO V/D. JOSÉ

Prata portuguesa relevada e incisa
 Marca de ensaiador do Porto,
 José Coelho Sampaio, 1768
 Marca de ourives do Porto,
 José Pereira Ribeiro (1760-1783)
 Alt.: 39,5 cm
 Peso: 2417,0 g

A PORTUGUESE SILVER SAMOVAR
 Portuguese silver, D. João V/D. José
 Porto assay mark, 1768
 José Pereira Ribeiro makers mark
 Height: 39,5 cm
 Weight: 2417,0 g

Bela e rara chaleira com trempe e lamparina em prata da época D. João V/D. José.

Corpo em forma de pera invertida com bico curto e tampa embutida, com profusa ornamentação de motivos vegetalistas, volutas e concheados, tanto gravada e cinzelada como repuxada. A tampa acompanha o tema decorativo do bule e termina em pináculo com a forma de fruto. Bico desenhando elegante colo e cabeça de cisne. Asa móvel recortada em curva e contracurva.

A trempe, com saiais recortados, surge ornamentada com aletas e motivos *rocaille* conjugados com decoração vazada, terminando com pés de remate em forma de concha com a mesma decoração fundida e cinzelada.

Trata-se de um belíssimo exemplar da época em que o movimento e a sinuosidade, bem patentes ao longo de toda a peça, e a sua decoração são bem reveladores da explosão ornamental do terceiro quartel de setecentos, em que ao apelo fitomórfico se vêm agora juntar sugestões zoomórficas, dadas pelo bocal, em forma de pescoço e cabeça de ave.





o18. GOMIL DE ASA PERDIDA D. JOÃO V

Prata Portuguesa relevada e incisa
 Marca de ensaiador de Braga,
 primeira metade do séc. XVIII
 Marca de ourives
 Bento Soares Ferreira, 1743
 Alt.: 36,0 cm
 Peso: 1442 g

A PORTUGUESE SILVER EWER
 D. João V (1706-1750) King of Portugal
 Braga assay mark (B2)
 Bento Soares Ferreira makers mark, 1743
 Height: 36,0 cm
 Weight: 1442 g

Raro gomil, fabrico de Braga, em forma de elmo invertido, no formato de concha, com largo bocal ondulado, decoração de caneluras, que acompanham a forma até ao bico, num estilo Joanino. Assenta sobre pé alto, em forma de campânula, numa base de estrutura poligonal, com friso decorado por duas ordens de motivos alternados, de folhagens de acanto. Nó em forma de bolacha acompanha com precisão os segmentos da base.

Bojo moldado num riquíssimo trabalho de cinzel, sobre prata repuxada, onde claramente se reconhecem conchas enroladas, de *Nautilus* invertido, envolvidas por linhas de água e elegantes ondas *rocaille*.

O bordo da boca é ornamentado por uma composição de fita entrelaçada, desenhando um “cercadinho” de volutas, em curva e contra-curva, num *rococó* de fino desenho.

Asa perdida em forma de “C”, com elementos volutiformes relevados, de grande elegância, concluindo em contra-enrolamento fitomórfico com palmeta, que a liga ao gomil. Ornamentada na parte superior de busto feminino com cabeça onde dominam cabelos entrelaçados, rematados em baixo por espiral, a modo de cariátide e numa reminiscência do *grotesco maneirista*, que veste panejamento enrolado cingindo a cintura. Dir-se-ia um corpo de sereia como as que se usavam nas proas dos barcos.

O gomil era por excelência a manifestação do luxo possível entre as classes dirigentes em Portugal nos séculos XVII e XVIII. Estas peças provêm directamente do cerimonial régio, passando a fazer parte do imaginário colectivo, sobretudo às refeições, em que contava como grande honra poder ser escolhido para servir o Monarca. Este cerimonial espelhava-se dentro das casas nobres e daqui o alto valor simbólico que lhe é conferido, sobretudo quando as obras em prata eram de um modo geral de reduzido número.

Este tipo de figura sinuosa e muito elaborada, foi inspirada nos desenhos de Hans Vredeman de Vries, pintor e arquitecto holandês do séc. XVI, conhecido pela sua pintura baseada na noção de “perspectiva” e principal criador



de padrões ornamentais de estilo maneirista. Caracterizavam este estilo as formas sinuosas em morfologias humanas e animais, assim como a estrutura de concha, motivo barroco por excelência.

A decoração com concha que este gomil reproduz foi usada com frequência na prataria civil portuguesa durante o séc. XVII e popularizou-se em alguns países da Europa durante o séc. XVIII. Como tantos outros objectos deste metal precioso passou a ser copiado na China principalmente em porcelana destinada à exportação.

A peça tem a sensualidade e a exuberância clara de uma fachada de granito de André Soares, o grande arquitecto do rococó bracarense.¹

É significativo o número de gomis que se usavam no reinado de D. João V, cuja tipologia, corpo ornamentado com motivos de estriados conquiformes e enrolamentos incisos em voluta, foi muito comum na produção francesa deste período e que serviu de modelo ao longo do séc. XVII e XVIII, conhecendo-se muitos outros exemplares, de múltiplas oficinas, com variações tipológicas e decorativas.

¹ JMT; cat. “Triunfo do Barroco”; CCB; Lisboa, 1991

019. GOMIL DE ASA PERDIDA D. JOSÉ

Prata cinzelada e repuxada
 Marca de ensaiador do Porto
 João Coelho Sampaio, em uso entre 1768-1784
 Marca de ourives do Porto
 Luís António Coelho (1766-1818)
 Alt.: 33,5 cm
 Peso: 1531,0 g

A PORTUGUESE SILVER AN EWER

D. José (1750-1777) King of Portugal
 Oporto assay mark (1768-1784)
 Luís Pinto Coelho makers mark (1766-1818),
 Portuguese
 Height: 33,5 cm
 Weight: 1531,0 g

Gomil em forma de elmo, boca com delineamento de curva e contra-curva, organizadas em pequenos "C" nervurados e em cujos encontros nascem nódulos de folhas de acanto, perfazendo uma linha ondulatória cheia de movimento.

Corpo profusamente decorado com motivos florais cinzelados e relevados que emergem de um fundo ornamentado em forma de concha. A sua estrutura helicoidal lança as faixas recurvas verticais, ligeiramente côncavas, a alternar com as superfícies convexas e ambas definidas nos seus campos por estrias interrompidas.

Asa perdida em forma de "C" decorada em enrolamentos e motivos florais estilizados de folhas de acanto.

Assente sobre pé circular central, recortado, com reservas alternadamente cinzeladas ou decoradas com rosas repuxadas. Nó em forma de bolacha decorada com volutas.

Decoração predominantemente *rocaille*, repuxada e cinzelada, em folhagens, godrões, rosas, concheados, volutas e entablamentos arquitectónicos.

Salientamos nesta obra a elevada qualidade de execução, nomeadamente a composição decorativa, de claro cariz *rococó*, e o exímio trabalho do ourives de repuxar e cinzelar a prata.

Vd. - ALMEIDA, Fernando Moitinho de; "Marcas de Pratas Portuguesas e Brasileiras (Século XV a 1887)"; IN-CM, 1995; p. 13 e p. 422

Vd. - SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e; "Dicionário de ourives e lavrantes da prata do Porto, 1750-1825"; Civilização Editora; Porto
 - MUSEU, Quinta das Cruzes; "Um Olhar do Porto"; Funchal, 2005



020. JARRO DE ASA PERDIDA D. JOÃO V

Prata Portuguesa

Marca de ensaiador dos Açores (?) Aveiro (?)

Séc. XVIII

Alt.: 38,0 cm

Peso: 1461,0 g

A PORTUGUESE SILVER LARGE JUG

Azores(?), Aveiro(?) assay mark, 18th century

Height: 38,0 cm

Weight: 1461,0 g

Jarro “Joanino” com corpo bojudo e base de rosca, ornamentada com espirais cinzeladas em relevo.

Bojo decorado com estrias, formando gomos espiralados. Nos sulcos geminados do corpo, motivos decorativos *rococó*, grinaldas e concheados, assimétricos desenharam uma estrutura serpenteada num desenho muito elaborado e de grande realismo. Os gomos oblíquos e torsos, estreitam-se no bocal e ganham a forma ascensional de uma chama. Bocal com filetes cinzelados, em forma de chaveta.

Asa interrompida em forma de “C” opostos, decorados em enrolamentos e motivos florais estilizados, com volutas junto às zonas de intersecção com o bojo, terminando num nódulo de folhagem de acanto.

Peça barroca da primeira metade do séc. XVIII, época em que a arte portuguesa atingia níveis superiores de requinte e perfeição. O mundo barroco vive a paixão de se exibir e de se extravasar. É o triunfo Joanino, evocação manifesta de que a vida é um espectáculo ambulante.



PERIODOS E GALERIA DE ARTE

021. SALVA D. JOSÉ DE JOÃO COELHO SAMPAIO

Prata Portuguesa
 Marca de ensaiador do Porto
 Marca de ourives do Porto
 João Coelho Sampaio, (1742-1784)
 Diam.: 30,0 cm
 Peso: 800,0 g

A PORTUGUESE SILVER SALVER
 BY JOÃO COELHO SAMPAIO

D. José (1750-1777), King of Portugal
 Porto assay mark
 João Coelho Sampaio makers mark 1742-1784
 Height: 30,0 cm
 Weight: 800,0 g

Fantástica salva armoriada D. José em prata portuguesa, trabalho da segunda metade do séc. XVIII, do notável prateiro João Coelho Sampaio.
 Fundo liso com imponente representação heráldica e moldurado com tarja de aletas, flores e folhagens gravadas.
 Orla alteada e recortada com superfícies curvilíneas alternando com canelados ondulados, aletas e vieiras estilizadas, repuxadas e cinzeladas. O bordo rebitado à base, técnica muito comum à época.
 Assenta sobre três elegantes pés com enrolamentos rematados por concha.

A multiplicidade de salvas executadas na segunda metade do século XVIII com fundo liso e orlas de grande volumetria, atesta a popularidade do modelo. Geralmente atribuídas ao reinado de D. José, resultam de uma evolução directa do modelo consagrado nas últimas décadas do reinado de D. João V.

Ensaaiador da Câmara Municipal do Porto, João Coelho Sampaio, é unanimemente considerado como um dos melhores ourives portugueses, apresentando sempre nas suas obras uma excelência técnica e artística, ímpar na ourivesaria nacional.

Sampaio deixou-nos um considerável conjunto de obras em prata com a sua punção, que acompanham os vários estilos e gostos que a sua longa carreira de ourives abrangeu, do *rococó* ao neo-clássico.



**022. PAR DE CASTIÇAIS EM “GRADINHA”
DE ANTÓNIO FIRMO DA COSTA**

Prata Portuguesa

Marca de ensaiador de Lisboa, (1810-1822)

Marca de ourives António Firmo da Costa
(1793-1824)

Alt.: 27,5 cm

Peso: 1126,0 g

A PORTUGUESE SILVER GALLERY PAIR OF
CANDLESTICKS BY ANTÓNIO FIRMO DA COSTA

D. Maria (1734-1816), Queen of Portugal
Lisbon assay mark (1810-1822)

António Firmo da Costa makers mark
(1793-1824)

Height: 27,5 cm

Weight: 1126,0 g

Excepcional par de castiçais em prata portuguesa transfurada, do ilustre prateiro lisboeta António Firmo da Costa.

Fuste elegante, de fileiras lisas repousando em oito pétalas gomadas rematadas por pequenas contas. Copo com a mesma decoração separado do fuste por bolachas.

Nó elíptico com aplicação de duas reservas, uma com monograma gravado e arandelas rendilhadas com o mesmo formato

Assentes em base ovalada, vazada e serrada em gradinha, alteada por quatro pés triangulares salientes terminando em bola.

Este modelo para além da excepcional qualidade técnica, é revelador da originalidade e elegância que é comum aos desenhos de António Firmo da Costa. O uso da técnica decorativa do desenho vazado, vulgarmente conhecida por “gradinha”, tem em Portugal largo uso nos reinados de D. Maria I e D. João VI, permitindo uma composição mais “leve”, em consonância com o espírito neoclássico.

O final do século XVIII e as primeiras décadas do XIX representam um período extremamente activo e brilhante da ourivesaria portuguesa.

Os ourives de Lisboa e do Porto revelam nesta época uma notável produção, denotando uma grande vitalidade criativa, que corresponde a um considerável movimento de renovação e criação de novos modelos.

Entre os ourives de Lisboa que acompanharam a transição do século, sobressai o nome de António Firmo da Costa, activo de 1793 a 1824. Autor de exemplares de inegável originalidade, o seu sucesso é revelado pela sua clientela – real, aristocrática, eclesiástica e burguesa – e pelas três lojas abertas na Rua da Prata.

Interessavam-lhe particularmente os objectos de uso quotidiano, o intimismo e a funcionalidade da sua utilização.

Vd. - “António Firmo da Costa – Um Ourives de Lisboa através da sua Obra”; Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves, 2000



023. CAFETEIRA NEOCLÁSSICA
DE ANTÓNIO FIRMO DA COSTA

Prata Portuguesa

Marca de ensaiador de Lisboa, (1810-1822)

Marca de ourives António Firmo da Costa,
(1793-1824)

Alt.: 33,0 cm

Peso: 1100,0 g

A PORTUGUESE SILVER COFFEEPOT

BY ANTÓNIO FIRMO DA COSTA

D. Maria (1734-1816), Queen of Portugal

Lisbon assay mark (1810-1822)

António Firmo da Costa makers mark

Height: 33,0 cm

Weight: 1100,0 g

Importante cafeteira neoclássica em prata portuguesa de António Firmo da Costa, com corpo em forma de balaústre, assente sobre base circular.

Corpo liso com canelados côncavos e cintura com cercadura requintadamente gravada de motivos florais e com duas reservas lisas, junto ao bojo, limitada por faixas estriadas e que se prolonga por um colo longo liso.

Tampa cupuliforme contornada por filetes incisos e rematada por botão em forma de urna.

Bico alto desenhando um elegante colo de cisne, decorado com caneluras na base.

Asa em madeira entalhada com caneluras na base e apoio para o polegar em forma de crescente.



024. CAVIETEIRA D. MARIA

Prata Portuguesa
 Marca de XI Dinheiros, remarcado Javali (Part.)
 Ourives IAR – José Anastácio Ribeiro
 registado em 1817
 Alt.: 24,0 cm; Diâm.: 16,0 cm
 Peso: 1224,0 g

A PORTUGUESE SILVER CAVIAR BOWL
 D. Maria (1734-1816), Queen of Portugal
 José Anastácio Ribeiro makers mark IAR, 1817
 Height: 24,0 cm;
 Diam.: 16,0 cm
 Weight: 1224,0 g

Rara cavieteira D. Maria em prata portuguesa, composta por três peças e assente sobre quatro pés.

Corpo ovóide, em forma de urna, decorado com frisos estriados no bordo da base e ladeado por duas pegas, argolas facetadas, que pendem da boca de leão.

A tampa apresenta decoração periférica em frisos estriados e termina em botão. Assenta sobre suportes estriados em forma de fita que terminam em quatro pés, rematados por garra e unidos em cruzeta. No interior encaixe para taça de vidro.

A peça tem a punção de “11 dinheiros”, significando que é uma liga quase pura, uma vez que a prata pura (12 dinheiros), por ser um material demasiadamente dúctil, não é utilizada para a produção de objectos artísticos.

A remarcação Javali com indicação *Part*, significa que foi solicitada na época, pelo proprietário da peça.



025. CAFETEIRA D. MARIA
DE GRANDES DIMENSÕES

Prata Portuguesa

Marca de ensaiador do Porto (1790-1804)

Marca de ourives não identificado ALPS

Alt.: 43,8 cm

Peso: 1647,0 g

A PORTUGUESE SILVER LARGE COFFEE POT

D. Maria (1777-1816), Queen of Portugal

Porto assay mark (1790-1804)

Makers mark unknown ALPS

Height: 43,8 cm

Weight: 1647,0 g

Excepcional Cafeteira em prata portuguesa,
D. Maria, final do séc. XVIII, de invulgar
dimensão e grande elegância.

Corpo definido por caneluras que alternam com
superfícies lisas. Base redonda com cercadura
de continhas e ornamentada por canelados
côncavos que continuam pela base do bojo.
Tampa em forma de campânula, seguindo a
tipologia da decoração do corpo e rematada
por botão em forma de urna.

Bico desenhando colo de cisne, ornamentado com
duas fileiras de finos perlados e uma folha de
acanto junto à boca.

Pega em pau-santo, esculpida com apoio para o
polegar em forma de crescente.



026. CAFETEIRA D. MARIA DE GRANDES DIMENSÕES

Prata Portuguesa

Marca de ensaiador do Porto (1803-1810)

Marca de ourives APS, atribuível a

António Pereira Soares (1797-1825)

Alt.: 37,0 cm

Peso: 1311,5 g

A PORTUGUESE SILVER LARGE COFFEE POT

D. Maria (1777-1816), Queen of Portugal

Porto assay mark (1803-1810)

António Pereira Soares makers mark APS
(1797-1825)

Height: 37,0 cm

Weight: 1311,5 g

Cafeteira em prata portuguesa de invulgar dimensão, com corpo em forma de balaústre, avivado por frisos perlados que contornam as linhas essenciais.

O bojo revelando uma sinuosidade elegante, é ornamentado na base por canelados côncavos e na parte superior por molduras ovais centrais, com fitas enlaçadas no topo e pontilhados, unidas por grinaldas de folhas e flores, numa gravação muito suave.

Bico em forma de colo de cisne, ornamentado com duas fileiras de finos perlados e uma folha de acanto junto à boca. Asa em madeira entalhada com apoio para o polegar em forma de crescente.

A peça assenta sobre pé central de forma arredondada e decorada com canelados côncavos.

A tampa em forma de campânula segue a tipologia da decoração do corpo e remata com um botão em forma de urna.

O tipo de decoração desta cafeteira, com marcada influência francesa correspondente a Luís XVI em França, mostra uma nítida evolução para o estilo neoclássico.



027. SERVIÇO DE CHÁ E CAFÉ IMPÉRIO

Prata Inglesa
 Marca de Londres 1809
 Ourives: Smith e Sharp
 Peso total: 2603,0 g

AN ENGLISH EMPIRE TEA AND COFFEE SET
 London assay mark 1809
 Daniel Smith and Robert Sharp makers
 mark, reg. 1780
 Total weight: 2603,0 g

Admirável serviço de chá e café armoriado, composto, por bule para café com trempe e lamparina, bule para chá, leiteira e açucareiro, num excelente trabalho em prata repuxada, incisa e cinzelada, da época e do estilo Império.

Bela e estilizada cafeteira com trempe e lamparina. Esta cafeteira, ou mais correctamente o bule para café, apresenta um corpo em forma de calote esférica de grande raio, com cercadura ricamente gravada desenhando “grega” na cintura e que se prolonga por colo longo liso. A boca abre-se numa concha estriada de bordos lisos. A asa parte de uma voluta sobre o bojo, que depois de descrever um “C” apertado em marfim, remata em cabeça de mulher cariátide encimada por folhas de acanto.

A trempe é suportada por três bustos de mulher alada em forma de cariátide, numa reminiscência do “grotesco”, prolongados em folhagem e rematando em pés “casco de cavalo”, tão ao gosto Império.

Bule para chá de perfil baixo e formato circular de raio grande, com corpo liso, terminando na cintura por cercadura “grega” e com colo curto e liso. O bico é triangular, rematado numa pequena elipse e decorado com ramos de cálices de flor-de-lis; a asa de marfim, em “C” partindo de um suporte em prata e rematando em cabeça de mulher cariátide encimada por folhas de acanto. A tampa é encimada por um delicado círculo de folhas de acanto, cinzelado em relevo, onde pousa uma elegante serpente que enrola em duas voltas.

O açucareiro revela uma forma e decoração semelhante ao bule de chá, com um friso de pequenas folhas em relevo no bordo. Do corpo desenvolvem-se duas pegas, diametralmente opostas, desenhando um “C” enrolado, formando quase um círculo, com voluta na extremidade inferior, decorada

com rosácea e no remate cabeça de cariátide com coroa.

Leiteira de formato idêntico ao bule de chá e ao açucareiro, com o mesmo padrão decorativo e com concha estriada de bordos lisos sob o bucal, semelhante ao da cafeteira, muito ao gosto do estilo Império.

No começo do séc. XIX, o estilo neoclássico evoluiu para Império, estilo que a França introduzira após a expedição napoleónica ao Egipto. Será Napoleão a impor na Europa o seu gosto pela grandiosidade e imponência. Ligada à figura do imperador e à glorificação do seu poder, a arte traduzir-se-á por formas massivas e monumentais, juntando aos motivos da antiguidade clássica, os motivos de inspiração egípcia e elementos arquitectónicos.

Os desenhos mais frequentes do estilo são gregas, folhas estilizadas, acantos, volutas de folhagem, louros, medalhões, figuras alegóricas, cariátides, animais, capitéis lotiformes, colunas balaustres, entre outras, sendo este conjunto um excelente protótipo desta época.

Vd. - SANTOS, Reynaldo dos; QUILHÓ, Irene; “Ourivesaria Portuguesa nas Coleções Particulares”; Lisboa, 1971



Portugueses de origem, os paliteiros de prata estão entre as peças que mais encantam os colecionadores, não só pelo seu trabalho, quase comparado ao de ourives, como pela variedade de motivos que apresentam.

Existem motivos regionais, figuras mitológicas, figuras históricas mundiais, frutos variados, pássaros e outros animais.

Embora o uso do palito seja um hábito social cujas origens remontam à Pré-História, foi porém na época do Renascimento que se viu desenvolver esta prática. Em ambiente erudito, o aparecimento do paliteiro conquistou o seu lugar à mesa, pelas suas funções utilitárias e decorativas. Surgiram em diversas formas e materiais, desde os mais nobres – prata e porcelana- até aos mais populares de faiança, madeira e cartão. Diversos inventários de bens e relações de recheio de casas mencionavam a existência de paliteiros, traduzindo a adesão social a este hábito.

Paulatinamente o uso do palito à mesa foi desaparecendo mas o dos paliteiros sobreviveu – pela sua função decorativa – até se extinguir já no séc. XX, quando se tornam objectos de antiquariato e de colecção.

028. PALITEIRO “VASO COM FLORES”

Prata Portuguesa

Marca de ensaiador de Lisboa

Marca de ourives MIGUEIS, séc. XIX

Alt.: 30,0 cm

Peso: 700,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
“VASE WITH FLOWERS”

Lisbon assay mark

MIGUEIS makers mark, 19th century

Height: 30,0 cm

Weight: 700,0 g

Em prata Portuguesa, formado por vaso, encimado por imponente ramo de folhas e flores, sobre salva de três pés, decorada com motivos vegetalistas cinzelados.



029. PALITEIRO “RAMOS DE FOLHAS E FLORES”

Prata Portuguesa
 Marca de ensaiador de Lisboa
 Marca de ourives DIAS (1870-1879)
 Alt.: 24,0 cm
 Peso: 304,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
 “BRANCHES AND FLOWERS”

Lisbon assay mark
 DIAS makers mark (1870-1879)
 Height: 24,0 cm
 Weight: 304,0 g

Em prata Portuguesa, representa vaso ao centro encimado por ramo de folhas e flores assente em salva, decorada com motivos vegetalistas cinzelados, de três pés concheados.



030. PALITEIRO “JARRA COM FLORES”

Prata Portuguesa
 Marca de ensaiador de Lisboa
 Marca de ourives Vitor Acto Dinis (1822-1879)
 Alt.: 24,0 cm
 Peso: 440,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
 “VASE WITH BRANCHES AND FLOWERS”

Lisbon assay mark
 Vitor Acto Dinis makers mark (1822-1879)
 Height: 24,0 cm
 Weight: 440,0 g

Em prata Portuguesa, formado por salva com marca de ensaiador de Lisboa e vaso encimado por ramo de folhas e flores.



031. PAR DE PALITEIROS "ANANÁS"

Prata Portuguesa

Lisboa, Punção Coroa c. 1850

Ourives: Luís António Rodrigues de Araújo
(1836-1881).

Alt.: 20,0 cm

Peso: 742,0 g

A PORTUGUESE SILVER PAIR OF
TOOTHPICK HOLDER "PINEAPPLE"

Porto assay mark c.1850

Luís António Rodrigues de Araújo makers
mark (1836-1881)

Height: 20,0 cm

Weight: 742,0 g

Par de paliteiros em prata Portuguesa cinzelada, apresentando ananases de vulto perfeito em cima de jarras decoradas com cercadura de folhas na base.



032. PALITEIRO “VASO COM ESFERA”

Prata Portuguesa
Marca de ensaiador de Lisboa
Marca de ourives Manuel Inácio da Terra
(1770-1810)
Alt.: 16,5 cm
Peso: 289,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
“VASE WITH SPHERE”

Lisbon assay mark
Manuel Inácio da Terra makers mark
(1770-1810)
Height: 16,5 cm
Weight: 289,0 g

Em prata Portuguesa, composto por vaso que suporta
uma pequena esfera, sobre salva lisa de três pés.



033. PALITEIRO “VASO COM MORANGO E PÁSSARO”

Prata Portuguesa
Marca de ensaiador do Porto, séc. XIX
Alt.: 16,5 cm
Peso: 202,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
“VASE WITH FRUIT AND BIRD”

Porto assay mark, 19th century
Height: 16,5 cm
Weight: 202,0 g

Em prata Portuguesa, com salva cinzelada formando
arabescos e vaso ao centro enfeitado com
grinaldas, encimado por um morango onde
pousa um pequeno pássaro.





034. PALITEIRO “QUERUBIM SOBRE TAÇA”

Prata Portuguesa
 Marca de ensaiador do Porto, séc. XIX
 Marca de ourives CBR
 Alt.: 17,5 cm
 Peso: 300,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
 “VASE WITH QUERUBIM”

Porto assay mark, 19th century
 CBR makers mark
 Height: 17,5 cm
 Weight: 300,0 g

Prata Portuguesa, repuxada e cinzelada,
 representando Querubim de pé, sobre uma
 taça decorada com flores e folhas na base.



035. PALITEIRO “ROMÃ E SABIÁ”

Prata Portuguesa
 Porto, punção Coroa
 Ourives de APC (1836-1853)
 Alt.: 22,0 cm
 Peso: 477,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
 “POMEGRANATE AND SABIÁ”

Porto assay mark
 APC makers mark (1836-1853)
 Height: 22,0 cm
 Weight: 477,0 g

Em prata Portuguesa, formado por salva de três
 pés com uma romã no centro, onde pousa
 um sabiá, encimado por um singelo ramo de
 folhas e flores.



036. PALITEIRO “RAMO COM PÁSSARO”

Prata Portuguesa
 Marca de ensaiador de Guimarães
 Marca de ourives LA
 Duplamente remarcado com “Cabeça de Velho”
 Alt.: 21,0 cm; Peso: 219,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
 “VASE WITH A FLOWER AND A BIRD”

Guimarães assay mark
 LA makers mark
 Height: 21,0 cm
 Weight: 219,0 g

Em prata Portuguesa, constituído por salva
 D. Maria com vaso ao centro, encimado por
 ramo de flor com pássaro pousado num galho.



037. PALITEIRO “FLOR COM SABIÁ”

Prata Brasileira
Pseudo marca de Lisboa, séc. XIX
Marca de ourives M/IM
Alt.: 20,0 cm
Peso: 319,0 g

A BRAZILIAN SILVER TOOTHPICK HOLDER
“FLOWER AND BIRD”

Lisbon pseudo mark, 19th century
M/IM makers mark
Height: 20,0 cm
Weight: 319,0 g

Paliteiro de prata com cálice de onde brota um ramo florido com pássaro no galho. Assenta numa base quadrangular.



038. PALITEIRO “NEPTUNO”

Prata Portuguesa
Marca de ensaiador de Lisboa e Porto c. 1830
Marca de ourives Francisco António Almeida
Alt.: 20,0 cm
Peso: 299,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
“NEPTUNE”

Lisbon and Porto assay mark c. 1830
Francisco António Almeida makers mark
Height: 20,0 cm
Weight: 299,0 g

Paliteiro representando o deus mitológico dos mares Neptuno, de vulto perfeito em cima de um pedestal, apoiado numa concha.



039. PALITEIRO “ANFITRITE”

Prata Portuguesa
Marca de ensaiador de Lisboa e Porto c. 1830
Marca de ourives Francisco António Almeida
Alt.: 18,0 cm
Peso: 257,0 g

A PORTUGUESE SILVER TOOTHPICK HOLDER
“AMPHITRITE”

Lisbon and Porto assay mark c. 1830
Francisco António Almeida makers mark
Height: 18,0 cm
Weight: 257,0 g

Paliteiro representando a mitológica deusa do mar, mulher de Neptuno, Nereida Anfritrite. De vulto perfeito em cima dum pedestal, apoiada numa concha.

040. POTE SEXTAVADO

Porcelana branca vidrada
decorada a azul-cobalto
China; Dinastia Ming, Reinado Jiajing (1522-1566)
Alt.: 33,0 cm

HEXAGONAL JAR

White porcelain with under glaze
cobalt blue decoration
China; Ming dynasty, Jiajing period (1522-1566)
Height: 33,0 cm

Grande pote bojudo com corpo de seis lóbulos, que se reflectem na base e no colo, imprimindo-lhe uma configuração sextavada. De gargalo curto e direito, foi torneado numa porcelana branca, pesada e espessa e de vidrado brilhante, levemente azulado. A decoração, num azul-cobalto profundo, distribui-se por cinco bandas horizontais de diferentes larguras, separadas por linhas brancas.

O bojo apresenta, como registo central da peça, grandes medalhões polilobulados, recortados em chaveta, contendo cenas do quotidiano, todas diferentes, em que figuras femininas confraternizam num terraço com balaustrada e paisagem florida. Os medalhões são separados por dois *lingzhi* estilizados que se unem por um fio vertical. *Lingzhi* ou cogumelo da imortalidade é um símbolo de longevidade e prosperidade.

No ombro, a decoração é composta por banda ornamentada com seis painéis polilobulados, alternando *guans* e *qilins*. *Guan* ou vaso é um emblema de boa sorte e *qilin* é um animal mítico, com cabeça de dragão, corpo coberto de escamas, cascos de veado e cauda espessa. É chamado o “unicórnio chinês” e simboliza governação sábia. As reservas são separadas por diferentes padrões geométricos em azul, padrão celular, pétalas em cruz e encanastrado, separados entre si por bandas brancas verticais, duas meias corolas e uma inteira sobre campo azul. A separar do colo um estreito segmento de cabeças de *ruyi*, símbolo budista de autoridade, cabeça de ceptro real, significando literalmente “conforme o vosso desejo”.

O gargalo facetado é decorado com seis reservas com ramos floridos sobre fundo azul de padrão ponta de diamante.

Junto à base, bordadura constituída por painéis de lótus contíguos, num fundo azul.

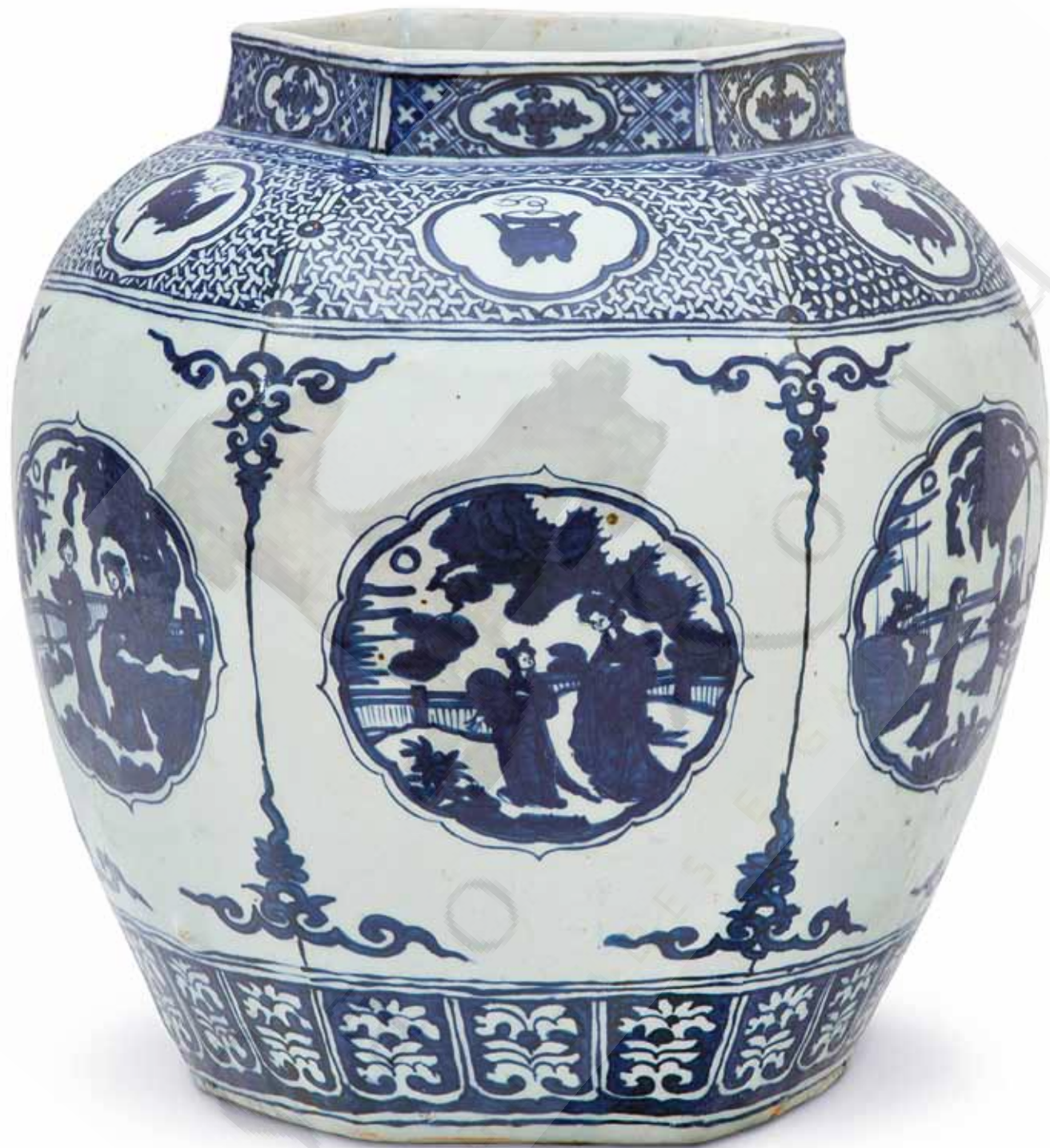
É certo que foram os Portugueses os primeiros Europeus que, no início de quinhentos, trouxeram para o Velho Continente e nele sedimentaram o gosto pelas raras e frágeis porcelanas da China. Ao longo dos séculos esse apreço não deixou de crescer, intensificando-se o tráfico, avultando as encomendas, constituindo-se enfim acervos particulares que não deixavam de proclamar o poder e requinte de monarcas, prelados e aristocratas. (Simonetta Luz Afonso)

Por essa altura, o império dos Ming entrava no seu zénite. Portugal faz figura de proa numa Europa acabada de sair da Idade Média. Desta convivência nasceu um património único, inimitável. A porcelana com o seu corpo leitoso e o seu azul de tinta, testemunha como fruto de uma união mágica. A cerâmica corresponde a necessidades precisas, que vão desde os objectos relacionados com a vida da corte e os seus rituais, às mais simples peças da vida quotidiana. A gramática decorativa, impregnada de simbolismo e portadora, muitas vezes, de mensagens religiosas, organiza-se de forma clara e legível em função do espaço, valorizando as formas e acentuando-lhes o galbe.

A decoração a azul-cobalto, vai prevalecer durante três séculos na maioria das porcelanas chinesas. É no período Jiajing (1522-1566) que começa a exportação regular para a Europa e dele datam algumas das mais importantes peças encomendadas pelos Portugueses, que evocam os reis de Portugal e os primórdios da missão nestas paragens.

Vd. - MATOS, M. Antónia Pinto de; “A Casa das Porcelanas”; IPM; Lisboa, 1996

- “China e Islão”, Gramáticas Decorativas; F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1992



041. TAÇA

Porcelana branca decorada a azul-cobalto sob o vidrado
 China; Dinastia Ming, reinado e marcas Jiajing (1522-1566)
 Diâm.: 36,0 cm

BOWL

White porcelain with under glaze cobalt blue decoration
 China; Ming dynasty, Jiajing period and marks (1522-1566)
 Diam.: 36,0 cm



Taça de parede arredondada repousando num pé direito, executada em porcelana branca decorada a azul-cobalto sob o vidrado. Esta peça recebeu uma decoração vigorosa, cuidada, em azuis luminosos e revestida de um vidrado levemente azulado.

No exterior, sob um enrolamento vegetalista contínuo de crisântemos ligados por arabescos, reservas redondas com duas Fénix afrontadas voando com asas abertas entre vagas e nuvens, separadas por nuvens estilizadas. Junto à base, bordadura constituída por painéis contíguos de flores de lótus, num fundo azul.

No interior, o fundo é preenchido por um *qilin*, sentado num jardim com rochedos, emitindo chamadas que tocam o Sol. No bordo, cercadura decorada com reservas desenhando um *grou*, mensageiro dos deuses, com penas e penugem sugeridas por traços de azul mais escuro, sobre um fundo de padrão geométrico de pétalas em cruz.

Na base a azul sobre o vidrado, a marca do Imperador Jiaqing em seis caracteres.

A decoração desta taça reúne dois dos motivos mais populares da gramática decorativa chinesa, a fénix e o *qilin*, o segundo e o

terceiro na hierarquia dos quatro animais sobrenaturais. A fénix é a mais ilustre entre o grupo com penas. É o *Imperador* das aves e simboliza o sol e o calor para o Verão e o Outono. O *qilin* é um animal quimérico, símbolo de longevidade, nobreza e felicidade. É reputado por conseguir andar, quer sobre as águas, quer na terra. Diz-se ter aparecido pela última vez precisamente antes da morte de Confúcio.

Vd. - MATOS, M. Antónia Pinto de; "Porcelana Chinesa"; F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2003
 - MATOS, M. Antónia Pinto de; "A Casa das Porcelanas"; IPM; Lisboa, 1996



042. GARRAFA

Porcelana branca vidrada com decoração a azul-cobalto
China; Dinastia Ming, reinado Chongzhen (1628-1644)
Alt.: 38,0 cm

LONG-NECKED VASE

Blue and white glazed porcelain
China; Ming Dynasty, Chongzhen period (1628-1644)
Alt.: 38,0 cm

Garrafa de bojo piriforme, gargalo alto e estreito
com anel saliente, em porcelana branca e com
decoração a azul-cobalto sob vidrado brilhante.

Destacam-se duas flores opostas de caule
aprumado no bojo, flores de lótus, a partir
da qual se desenvolve em simetria toda a
ornamentação, constituída por uma profusão
de elementos florais e vegetalistas, finos
enrolamentos de caules que circundam
flores desabrochadas – crisântemos, peónias,
margaridas – como se fossem medalhões.

No ombro, enrolamento de cabeças de *ruyi* limita um
friso de margaridas, folhas e botões em flor.

Pescoço decorado com três ramos de túlipas, que
se repetem na parte superior do gargalo, de
menores dimensões. Anel com enrolamentos
de caules e folhagem dispersa, apresentando
três flores de lótus semiabertas.

Este tipo de garrafas com pescoço alto e anel no
meio foram manufacturadas exclusivamente
no período de Transição, para exportação e
uso do mercado Holandês, numa perfeita
cópia da faiança turca do séc. XVI.

O desenho das túlipas repetido duas vezes no
gargalo, imitação dos desenhos de Iznik,
cidade da Turquia onde já desde o séc. XV
se produzia cerâmica vidrada pintada a
azul-cobalto, representava a tulipomania que
se verificava na Holanda, à época.



043. PAR DE CASTIÇAIS

Porcelana branca vidrada com decoração azul-cobalto
 China; Dinastia Ming
 Reinado Chongzhen (1628-1644)
 Alt.: 15,3 cm

A PAIR OF CANDLESTICKS
 Blue and white glazed porcelain
 China; Ming Dynasty
 Chongzhen period (1628-1644)
 Alt.: 15,3 cm

Raro par de castiçais de base oitavada, cantos cortados e corpo em forma de espiral, em porcelana branca e com decoração esmerada em tons de azul-cobalto.

Na base, alternam reservas de corolas envolvidas em folhas salpicadas, com símbolos denominados os “Os Oito Objectos Preciosos” e respectivas fitas ondulantes. Destacam-se os atributos de um estudante chinês: os livros, o jogo de xadrez, a flauta e os rolos de pintura. Completam a base seis painéis com arranjos florais e símbolos representando os “Os Oito Tesouros”: a pedra sonora, o losango e a pérola.

Fuste em forma de coluna espiralada, profusamente preenchida com flores e folhas. O copo, de forma quadrangular, está decorado com vasos de flores, um dos mais importantes símbolos budistas.

Esta forma de castiçais é inspirada em modelos de prata europeia. Os castiçais foram das primeiras formas europeias enviadas para a China para serem reproduzidos, juntamente com serviços de jantar. Por serem muito frágeis, poucos exemplares chegaram até aos nossos dias, sendo raríssimo aparecer um par.



044. TAÇA EM PORCELANA KRAAK

Porcelana branca decorada a azul-cobalto sob o vidro
 China; Dinastia Ming, reinado Chongzheng
 Hatcher Cargo c. 1640-1645
 Diâm.: 31,5 cm

KRAAK BOWL

Kraak white porcelain with underglaze cobalt blue decoration
 China; Ming Dynasty, Chongzheng period
 Hatcher Cargo c. 1640-1645
 Diam.: 31,5 cm



Taça de parede arredondada, bordo recortado em chavetas e pé direito, em porcelana branca revestida de um vidro ligeiramente azulado, decorada em tons de azul-cobalto.

No interior, medalhão delimitado por um duplo círculo, com paisagem representando pássaro junto a um rochedo, peónias, margaridas e outras plantas. A parede está dividida em seis grandes painéis polilubados, onde alternam reservas de pêssegos com flores holandesas, tulipas, separados por reservas estreitas com símbolos enlaçados com fitas: a roda da lei, símbolo budista de Feliz Augúrio e da Soberana Lei e Autoridade, e o losango, um dos “Oito Objectos Preciosos”, símbolo de Vitória e Sucesso. Estas reservas estão enquadradas por bandas de suásticas e de escamas imbricadas.

O exterior apresenta uma decoração semelhante com seis grandes painéis, onde alternam ramos de romãs, peónias e pessegueiros, com

túlipas holandesas, também aqui separados pelos objectos preciosos enlaçados. Na base, um friso de cabeças de *ruyi*, símbolo da Autoridade Monástica.

Esta peça integra o conjunto de taças de grandes dimensões da porcelana *kraak*, produzida exclusivamente para o mercado de exportação. O tamanho desproporcionado do pássaro e da peónia, bem como as reservas com tulipas permitem identificá-la como pertencendo ao grupo que foi trazido pelo Hatcher Cargo comandado pelo capitão holandês Hatcher, c. 1640-5.

Com o fecho do porto de Lisboa ao comércio externo decretado por Filipe II em 1594, a Holanda, que se encontrava em guerra com a Espanha, formou em 1602 a V. O. C. (*Vereenidische Oostindische Compagnie*), companhia comercial que assumiu o monopólio comercial das porcelanas entre a Ásia e a Europa. Um grande número de peças era de um tipo particular de porcelana azul e branca, a *kraakporselein*, uma das inovações da época Wanli, fabricada nos fornos da cidade de Jingdezhen. *Kraakporselein* significa porcelana das carracas, designação adoptada pelos holandeses no séc. XVII, por terem sido transportadas para a Europa, pela primeira vez, nos barcos portugueses (carracas).

Vd. - RINALDI, Maura; “Kraak Porcelain - A Moment in the History of Trade”

- MATOS, M. Antónia Pinto de; “A Casa das Porcelanas”; IPM; Lisboa, 1996

045. POTE COM TAMPA

Porcelana branca vidrada, decorada a azul safira
China; Dinastia Qing
Reinado Kangxi (1662-1722)
Alt.: 68,0 cm

JAR WITH COVER

White porcelain with underglaze
sapphire-blue decoration
China; Qing dynasty, Kangxi period (1662-1722)
Height: 68,0 cm

Pote em forma de balaústre, com colo curto, base chata e recuada e pé rodeado por uma faixa branca.

Tampa de encaixe desenhando uma cúpula encimada por botão de prensão em *biscuit*, em forma de *cão de Fo* sentado sobre as patas traseiras e com as da frente apoiadas na bola, simbolizando um macho.

Decorado com uma velha ameixeira florida de tronco robusto e nodoso cujos ramos com muitas flores brancas, se prolongam até ao topo, envolvendo toda a peça. As exuberantes flores da ameixeira a desabrocharem, estão pintadas sobre um fundo de um vibrante azul profundo que pretende desenhar o “estalar” do gelo nos rios depois de um longo e duro Inverno, simbolizando a chegada da Primavera.

Este tema muito comum na decoração dos potes de gengibre, utilizados também para levar oferendas, chá e frutos em conserva no Ano Novo, foi também usado em potes de maiores dimensões, que passaram a chamar-se “Potes de Ameixeira em Flor”.

O reino de Kangxi mostra o apogeu do azul safira muito luminoso valorizando a pasta branca e fina.

Na sua monografia, o erudito moderno Xu Zhiheng afirma que (...) *Relativamente à era de Kangxi (1662-1722), a beleza da porcelana assemelha-se ao estilo criativo dos poetas Li Bai e Du Fu, tendo atingido o auge de perfeição e maturidade, plena de pureza livre e vigorosa, como um cavalo à rédea solta. (...)*

Já o director do Museu de Arte de Macau, Chan Hou Seng, refere que (...) *Apesar da sua humildade, a porcelana não se destina unicamente à apreciação estética, como ajuda a nutrir aspirações, reflecte quadros mentais e explora a evolução do mundo. (...)*





046. PAR DE GARRAFAS IMPERIAIS COM TAMPA

Porcelana branca vidrada, decorada a azul safira
China; Dinastia Qing, reinado Kangxi (1677-1722)
Alt.: 32,0 cm

A PAIR OF SQUARE IMPERIAL JARS WITH COVERS

Blue and white glazed porcelain
China; Qing Dynasty, Kangxi period
Kangxi seal mark (1677-1722)
Alt.: 32,0 cm

Imponente e raríssimo par de garrafas paralelepípedicas e de secção quadrangular, com ombro direito, gola quadrada e tampa encimada por *cão de Fo*, executada numa porcelana pesada e espessa e inteiramente decorada num azul safira, intenso e brilhante sob o vidrado, típico do período de Kangxi.

As faces são planas e estão pintadas com cenas do quotidiano emolduradas por uma cercadura de “encanastrado”. Nestes “quadros”, de decoração profusa com temas descontínuos, inspirados em fontes literárias, que envolvem 6 a 9 personagens, o pintor pretende contar uma história.

Num dos lados está representada numa paisagem ao ar livre, uma caravela ancorada ao fundo, com o cenário centrado numa recepção de boas vindas: o navegador recém-chegado, seguramente um membro da corte e, com grande probabilidade, o Imperador, de mãos abertas com uma oferenda, talvez um brocado, presenteia uma bela dama. Pela imponentia das suas vestes, tudo indica que seja a sua mulher, que se desloca a cavalo ao lado de um dignatário, ambos acompanhados por um porta-bandeira e dois porta-estandartes;

Noutra face o Imperador surge ao centro, agora sentado no trono, num pavilhão aberto para um jardim com elaborada balaustrada e ladeado por três altos dignitários; a seus pés dois plebeus ajoelhados presenteiam-no com oferendas, possível sinal de boas-vindas. Mais abaixo um tratador procura segurar o cavalo engalanado do Imperador, junto ao estábulo.

A terceira representa o Imperador numa varanda, de pé sobre um tapete e ladeado por dois eunuocos com grandes leques. Recebe homenagens de uma serva de joelhos que lhe oferece uma taça de vinho, enquanto outra de pé segura a garrafa, num ambiente de festa no jardim ao som de orquestra feminina com quatro instrumentos.

Na última cena, também num ambiente festivo com uma bailarina que dança em cima de um tapete ao ritmo de orquestra feminina num jardim, uma súbdita oferece um presente à provável Imperatriz que se encontra acompanhada por uma dama e ladeada por um servo com um leque de penas de pavão, num varandim com balaustrada.

O ombro das garrafas tem cercadura de padrão “têxtil” e a gola, reservas de crisântemos e peónias emoldurados.

A tampa, de formato convexo, é preenchida com padrão geométrico com cabeças de *ruyi* e está encimada por *cão de Fo* sentado sobre as patas traseiras, servindo de pega.

No fundo, num quadrado bem demarcado e pintado a azul sob o esmalte, um dos “Oito Objectos Preciosos”, a folha de artemísia (*aiye*), à qual lhe são atribuídos poderes curandeiros e símbolo de felicidade, marca muito usada nas porcelanas do período Kangxi.

Este formato de garrafa poderá ter sido inspirada numa garrafa em laca japonesa de saké, não se podendo excluir que tenha a sua origem nas garrafas holandesas de vidro para gin.





047. PAR DE MOLHEIRAS COM TRAVESSA
"FOLHA DE TABACO"

Porcelana vidrada, Companhia das Índias
China; Dinastia Qing
Reinado Qianlong (1736-1795)
Dim.: molheiras 21,0 cm; travessas 21,2 cm

A PAIR OF TABACCO LEAF
SAUCEBOATS WITH DISH
Chinese export porcelain
China; Qing dynasty
Qianlong period (1736-1795)
Dim.: sauceboat 21,0 cm; dish 21,2 cm

Par de molheiras com travessas, em porcelana
Chinesa Companhia das Índias, de bordo
recortado, decoradas a azul-cobalto sob
vidrado, com ricos esmaltes em *rouge de fer*,
branco e da família rosa, de "Folha de Tabaco".

Molheiras de forma ovalizada terminando
em bico e profusamente decoradas com
elementos vegetalista de grandes dimensões,
sobressaindo uma grande folha azul-cobalto,
a suposta "Folha de Tabaco". Pega em vírgula
com decoração vegetalista a carmim. Interior
das molheiras com pequenos arranjos florais.

Travessas em forma de folha, totalmente
preenchidas com o mesmo padrão.



**048. PAR TRAVESSAS "FOLHA DE TABACO"
DE GRANDES DIMENSÕES**

Porcelana vidrada, Companhia das Índias
China; Dinastia Qing
Reinado Qianlong (1736-1795)
Dim.: 40,5 x 47,5 cm

A PAIR OF TABACCO LEAF
VERY LARGE OVAL PLATTER
Chinese export porcelain
China; Qing dynasty
Qianlong period (1736-1795)
Dim.: 40,5 x 47,5 cm

Par de travessas de grandes dimensões ovaladas, quase quadrangulares, com o padrão da "Folha de Tabaco" onde se destaca uma linda e grande peônia desabrochada, no meio da vegetação. A exuberante decoração vegetalista é sem dúvida realçada pelas grandes dimensões destas peças. Aba levantada e bordo recortado, terminando em vírgula, interessante característica que lhes confere beleza adicional. Verso com aba vidrada e decorada com motivos florais.

049. PAR DE TAÇAS PARA VINHO

Madrepérola e prata
Guzarate; Índia; séc. XVI
Dim.: 7,0 x 17,0 x 8,0 cm

Wine Cups
Mother of pearl and silver
Guzarate; India; 16th century
Dim.: 7,0 x 17,0 x 8,0 cm

Par de taças globosas em forma de barca, constituídas por duas calotes ovóides de madrepérola de *turbomarmoratus*, unidas por placas rectangulares. Bordo com fino perlado terminando em cabeças de elefante. Assentam sobre bases ovaladas.

O encanto destes preciosos objectos reside, não só na beleza natural do material que as constitui, mas também na inteligente adaptação que o homem fez destes materiais. Forma de barca exótica, terminando em duas cabeças de elefante com a simbólica tromba para cima, augurando boa-sorte para quem beber daquela taça.

O perfil em forma de barco carrega um grande simbolismo e profundo respeito pelos povos ancestrais de origem chinesa. Segundo o famoso poeta Tao Yuanming, que viveu durante a dinastia Jin (265-420), essa origem deve-se a um povo já desaparecido, oriundo das montanhas Wuling do norte da China, atravessadas por densos rios, sua fonte de sobrevivência, (...) *viviam na água e morriam nos barcos.* (...)

Assimilada por outros povos, era usada no séc. XVI, nomeadamente pelos Imperadores Safávidas e da Índia Mogol e mais tarde pelos sultões do Decão, como taça para beber vinho. Também os mendigos usavam recipientes com esta forma de barco, (*Kashkul*) de maiores dimensões e em metal, para pedirem na rua. Embora se conheçam vários destes recipientes em metal e em jade (cf. EXOTICA), são extremamente raras as taças de vinho de madrepérola: há referência na literatura à sua existência, mas em toda a pesquisa que a São Roque fez não conseguiu identificar nenhuma nas mais importantes colecções mundiais.

Do elevado apreço da Europa de então, por estes artefactos feitos de materiais raros e exóticos como o côco, o coral, a madrepérola ou a tartaruga, resultou a sua integração em grandes colecções reais e das cortes europeias, reflectindo o *status*, o poder e a personalidade do seu possuidor. Satisfazendo a ânsia de coleccionar raridades preciosas e exóticas, estes objectos eram avidamente procurados e cobichados para as conhecidas Câmaras de

Maravilhas pelos grandes coleccionadores europeus. Não só ilustravam as maravilhas naturais do universo como se acreditava possuírem propriedades medicinais e virtudes mágicas. O Humanismo Renascentista alegoricamente associava a espiral da concha turbo à força da natureza, como elemento de crescimento, e à dimensão do tempo.

Marmoratus turbo, ou turbante em mármore é uma grande espécie da marinha gastrópode, que vive em grandes recifes tropicais no Índico e Pacífico. A sua misteriosa origem, o seu formato raro, o simbolismo que lhe é atribuído, os poderes afrodisíacos, e a sua forma de cavidade oca, fizeram dela o recipiente por excelência para beber o vinho,

num período em que era estranha a variedade existente em taças e copos, que faziam parte dos utensílios privados da aristocracia, quer para ostentação, quer para dias de cerimónia ou para acolhimento de convidados especiais.

Vd. - "Presença Portuguesa na Ásia"; *Museu do Oriente*; p. 71
- ROGERS, J. M.; "The Arts of Islam"; p. 35



Roque
GALERIA DE ARTE

**050. COFRE EM TARTARUGA**

Tartaruga, ouro e prata
Indo-Português; séc. XVII
Dim.: 10,0 x 13,5 x 8,0 cm

A TORTOISESHEL CASKET
Tortoiseshell, gold and silver
Indo-Portuguese; 17th century
Dim.: 10,0 x 13,5 x 8,0 cm

Raro pequeno cofre rectangular em forma de baú, revestido a tartaruga sobre folha de ouro e ornamentada a prata gravada e vazada.

Estrutura em madeira, presumivelmente teca, forrada a tartaruga aplicada sobre folha de ouro. Este material foi utilizado com o intuito de dar maior luminosidade e contraste, fazendo exaltar a beleza da tartaruga.

As faces estão realçadas por tarjas de prata recortada, com o característico lavrado baixo e decoração geométrica vazada e rebitada de pequenos pregos no mesmo material. Espelho de chave em prata com concheados relevados e chave original.

O cofre é “suportado” por lindas cariátides em relevo, aplicadas nas arestas, que assentam sobre quatro exuberantes pés de leão.

Belo trabalho de cinzel na pega da tampa e nas ilhargas com flor central, assente sobre rosetas; compõem a decoração elegantes dobradiças alongadas, estilizadas e de forma geometrizada. Interior forrado a veludo.

Amin Jaffer escreveu: (...)cofres em tartaruga com montagens em prata aparecem contemporaneamente em documentos oficiais da época, tanto na Índia como em Portugal. Por exemplo, o inventário de um oficial de alfândega de Diu, datado de 1546 inclui um cofre para guardar dinheiro em tartaruga e prata; presentes oferecidos pelo rei de Portugal ao Sultão de Marrocos, em 1577, incluíam um pequeno cofre em tartaruga, decorado com prata (...)



051. SANTO ANTÓNIO

Marfim
Indo-português; séc. XVII
Alt.: 40,0 cm

SAINT ANTHONY
Ivory
Indo-portuguese; 17th century
Height: 40,0 cm



Imagem de Santo António representado intocável, em postura vertical, envolto no hábito pardacento da Ordem em que se santificou. De feições delicadas, o rosto expressa uma grande serenidade, de formas simplificadas, olhos grandes e amendoados, cabelo cortado de maneira a formar um só tufo circular, tonsura característica dos seguidores de S. Francisco de Assis.

O santo veste hábito franciscano, capa e capuz de feição marcadamente maneirista, revelando a extremidade dos pés com sandálias de duas tiras.

O hábito, com plissados que caem frontalmente em canelados retilíneos, singelos e bem vincados, é apertado por um cinto de execução impecável, de encordado grosso, entrecortado pela inclusão de grossos nós, os distintivos das três virtudes monacais: castidade, pobreza e obediência à Ordem, rematado por uma borla que cai à frente hirta. O cabeção redondo, afastado do pescoço, prolonga-se para trás, integrando o capucho e a capa, cuja ponta direita da orla se levanta, para ser segura sob o braço.

A imagem assenta sobre uma base prismática, em forma de plinto, com os cantos quebrados e com decoração floral em relevo. A peanha é decorada com três flores de Lótus, uma central e duas nos flancos, flor deliberadamente escolhida por significar a pureza, a beleza e o desapego material.

Pode dizer-se que, tão inevitáveis como as características do hábito franciscano, são os atributos que sempre acompanham o Santo: na mão esquerda o Menino Jesus apoiado sobre o livro (fechado), desnudo e de pé, segurando na Bola do Mundo com a mão esquerda e abençoando com a direita; e a mão direita do Santo segurando um ramo de açucenas, símbolo da sua pureza.

A representação da temática antoniana é a que aparece em maior quantidade na imaginária indo e cingalo-portuguesa, mantendo-se

esta iconografia inalterável entre o séc. XVI e XVII. Os Franciscanos foram os primeiros missionários a estabelecerem-se no território da Índia. Em 1500 Pedro Álvares Cabral levava na sua frota 8 frades franciscanos, que deram origem à evangelização de Cochim e Cranganor. Esta ordem religiosa rapidamente multiplicou as suas missões, em vários pontos da Índia, sendo detentora, 40 anos depois, de 16 colégios, 3 hospícios e 237 residências paroquiais.

Santo António é o santo português mais conhecido, um dos mais venerados e talvez o mais representado em todo o mundo. Nasceu em Lisboa, junto à Sé, em 1195. Foi ordenado sacerdote em Coimbra, onde veio a ingressar a Ordem Franciscana. Obteve licença para missionar no Norte de África, mas uma doença repentina impediu-o de seguir a sua vocação missionária. De volta à Europa, aportou em Itália onde se distinguiu como pregador e professor de Teologia. Iconograficamente é representado com um livro na mão, simbolizando a pregação e a sabedoria, sobre o qual se encontra o Menino Jesus, que muitas vezes lhe apareceu.

Veio a falecer a 13 Junho de 1231, em Pádua, em "odor" de santidade pois nos seus sermões, tanto quanto nos actos de sua vida, transparecia a inspiração divina. Assim não havia sequer passado um ano que morrera, já era venerado nos altares da Cristandade. Foi canonizado em 1232.

Em Portugal o Douro Santo António tornou-se um santo popular, festejado em Lisboa, na noite que antecede a data da sua morte.

Figurou em: / Exhibited at:

- Exposição iconográfica e bibliográfica de Santo António de Lisboa; Junho, 1947; Sé Patriarcal de Lisboa; nº117

Vd. - "Os Construtores do Oriente Português"; Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente; Porto, 1998

- "Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa de Rachol"; F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2003

- MORNA, Teresa Freitas; "Presépio"; *Encompassing the Globe*





052. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Marfim

Indo-Portuguesa; séc. XVII

Alt.: 29,5 cm

OUR LADY OF THE CONCEPTION

Ivory

Indo-Portuguese; 17th century

Height: 29,5 cm

Nossa Senhora da Conceição, escultura indo-portuguesa do séc. XVII, em marfim.

A Virgem encontra-se de pé numa devoção pura, segundo as características da época, com a cabeça levantada para o céu, posição tipicamente renascentista e mãos unidas em sinal de oração. Cabelos longos, que caem em madeixas com ondulação acentuada, em franco zigzague. Realçamos uma fina gargantilha de pérolas ao pescoço, representação pouco usual.

Enverga corpete plissado e túnica comprida.

Sobre os ombros, manto apanhado à frente sob os antebraços, deixando as pontas pendentes e caindo em pregas sobrepostas. A indumentária é decorada na orla com debrum de serrilha, sendo duplo na gola.

A seus pés a Lua no quarto crescente suportando, ao meio, o Sol. (...) *Não é vulgar tão completa representação antropomórfica da Lua...O perfil lunar, que se opõe frequentemente a um Sol radioso, quando em enquadramentos de retábulos de altar (...)*¹

Assente sobre peanha redonda, elaborada e decorada com friso em talha de folhas de acanto, postas ao alto e duplamente encurvadas.

Representação extraordinária de Nossa Senhora da Conceição, não só pela sua dimensão mas sobretudo pela riqueza plástica da composição, esmero e rigor escultórico.

Vd. - ¹"Museu Indo-Português de Cochim"; F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2011; p. 106
- "Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa de Rachol"; F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2003





053. MENINO JESUS SALVADOR DO MUNDO

Marfim
China; Dinastia Ming; séc. XVII
Alt.: 7,0 cm

INFANT JESUS SAVIOUR OF THE WORLD

Ivory
China; Ming Dynasty; 17th century
Height: 7,0 cm

Linda escultura de marfim do Menino Jesus Salvador do Mundo, representado desnudo, numa posição de grande frontalidade, com a mão direita levantada, no gesto de abençoar e com o globo terráqueo na mão esquerda.

A cabeça foi esculpida com grande delicadeza: rosto expressivo denotando espiritualidade e misticismo, boca que esboça um sorriso, olhos grandes, oblongos e amendoados. Realce ainda para o cabelo, esculpido em sulcos indicando madeixas que terminam em caracóis estilizados.

A escultura tem forte influência chinesa, presente na representação anatômica da face, olhos e nas características físicas como os cabelos encaracolados na orla. Realçamos a grande semelhança desta escultura com Buda abençoando, com toda a sua serenidade e testemunho da forte miscigenação cultural.

O poder evangelizador dos missionários Jesuítas na China, embora que mais limitado e menos preponderante, foi incisivo e marcante e dele resultou um grupo de trabalhos vinculados pela arte das duas culturas combinadas. São particularmente ricos e belos os trabalhos chineses, a parte decorativa revela a preciosidade de detalhe. Apesar da longa permanência dos Jesuítas portugueses astrónomos na corte de Pequim, que exerciam sobre os imperadores uma preponderância e um fascínio de grande relevância, são raros e muito apreciados os marfins sino-portugueses.



054. MENINO JESUS SENTADO EM MEDITAÇÃO

Marfim
China; Dinastia Ming; séc. XVII
Alt.: 8,5 cm

SITTING DRESSED CHILD JESUS
Ivory
China; Ming Dynasty; 17th century
Height: 8,5 cm

Rara escultura sino-portuguesa executada em marfim, representando o Menino Jesus sentado, de pernas cruzadas ao modo oriental, descalço e vestindo túnica até aos pés, com a cabeça apoiada na mão direita e a orbe terrestre na mão esquerda.

Bela escultura de forma arredondada e adoçada, desenhada por sulcos elementares de grande simplicidade e beleza. A cabeça e o rosto apresentam traços característicos da arte chinesa, os olhos semicerrados, a boca pequena, o cabelo penteado com caracóis afrontados que depois se distribuem pela orla do cabelo.

Encontra-se em atitude de profunda meditação, em que podia estar inscrito na base, como acontece em esculturas semelhantes, a frase: “Eu estou dormindo, mas meu coração está vigilante”, sexto poema do livro “Cântico dos Cânticos”. De notar a grande similitude desta representação com a imagem de Buda em meditação, em tudo semelhante à representação do Bom Pastor na Índia Portuguesa.

O encontro entre culturas possibilitou o surgimento de uma representação que apresenta incontestável influência da imaginária luso-oriental, mas que também se destaca pela incorporação de elementos da cultura local, propiciando um somatório de símbolos e significados que dão a estas imagens uma originalidade especial.

Muito utilizado na imaginária cristã, o marfim era o material ideal para elaboração dos objectos de pequenas dimensões. Abundante naquela época no Oriente, propiciou aos artesãos a realização de trabalhos refinados e subtis com grande nitidez de contorno, conferindo uma excelente qualidade plástica.

055. ÁRVORE DE JESSÉ

Marfim

Europa; séc. XVII

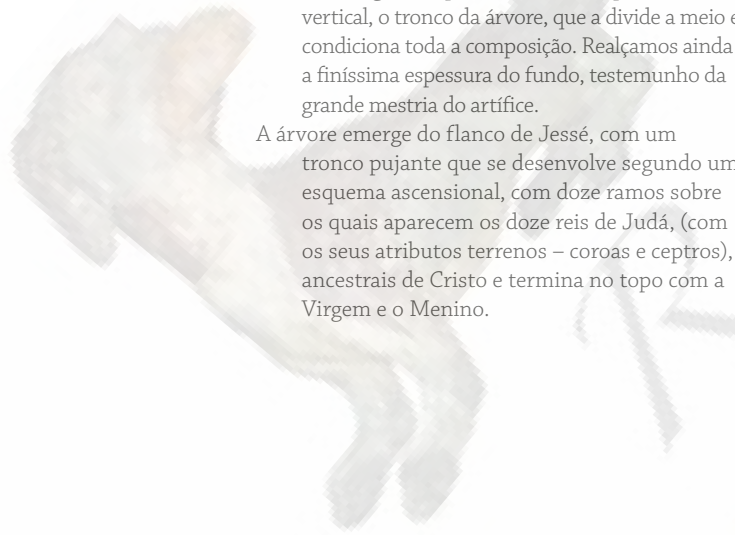
Dim.: 14,0 x 7,4 cm

THE JESSÉ TREE

Ivory

Europe; 17th century

Dim.: 14,0 x 7,4 cm



Placa em marfim rectangular em alto-relevo e profusamente decorada, representando a Árvore de Jessé, árvore genealógica terrena de Jesus desde Jessé, pai do Rei David.

Escultura de grande qualidade, ritmada por uma linha vertical, o tronco da árvore, que a divide a meio e condiciona toda a composição. Realçamos ainda a finíssima espessura do fundo, testemunho da grande mestria do artífice.

A árvore emerge do flanco de Jessé, com um tronco pujante que se desenvolve segundo um esquema ascensional, com doze ramos sobre os quais aparecem os doze reis de Judá, (com os seus atributos terrenos – coroas e ceptros), ancestrais de Cristo e termina no topo com a Virgem e o Menino.

O patriarca Jessé pertencia a uma família real e a sua descendência é constituída por uma linhagem de reis.

São simbolicamente em número de doze, signo da renovação cíclica, como é o caso também dos doze frutos da árvore da Vida do Éden.

A Árvore de Jessé simboliza a cadeia de gerações, cuja história é resumida pela Bíblia e que culminará com a vinda da Virgem e do Cristo. Segundo uma passagem, no Antigo Testamento, (Isaías, 11,1-2): *Porque brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará.* Para os Cristãos esta profecia aponta para Jesus, o qual seria o Messias.

Na Bíblia, Jesus Cristo é muitas vezes mencionado como Filho de David, ou seja, rebento de Jessé.

Este é um dos temas mais ricos e difundidos, representando o crescimento de uma família, de uma cidade, de um povo, símbolo da vida, em perpétua evolução e em ascensão para o céu, evocando todo o simbolismo da verticalidade. É muitas vezes utilizado para justificar a genealogia e o dogma da Imaculada Conceição, quando esta é colocada no topo da Árvore de Jessé, como é o caso nesta placa.



056. BAIXO RELEVO EM MARFIM**FUGA PARA O EGIPTO**

Marfim com restos de policromia
Cingalo-Portuguesa, séc. XVI/XVII
Dim.: 28,4 x 23,4 cm / 14,3 x 9,7 cm

LOW RELIEF IVORY PLAQUE

FLIGHT INTO EGYPT

Ivory
Cingalo-Portuguese, 16th/17th century
Dim.: 28,4 x 14,3 cm / 23,4 x 9,7 cm

Excepcional placa de marfim esculpida em baixo relevo, de talha funda, retratando o tema Bíblico da “Fuga para o Egipto”, com moldura em ébano com embutidos em marfim.

Composição erudita que retrata a Sagrada Família, tendo como tema essencial Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo sob o olhar atento de S. José. Nossa Senhora amamenta o Menino Jesus em cima do burro, testemunho de uma fuga sem tempo, sem paragens, e S. José enverga a sua túnica, botas, traje e chapéu, apoiando-se num bordão. O burro com um cantil e a bolsa do dinheiro na sela e uma frondosa tamareira, cujo fruto virá a ser o preferido de Jesus, a tâmara, reforçam a composição. A peça conserva restos de policromia.

Moldura em ébano toda preenchida com incrustações de marfim. No topo da moldura dois querubins afrontados pairam nas nuvens e mostram a coroa do Menino Jesus futuro Rei Salvador; nos lados, decoração simétrica com duas ânforas de onde saem frisos com motivos vegetalistas e onde pousam aves fantásticas.

Na base a ave imperial – o pavão – de cauda aberta, ladeado por outras aves e ramos estilizados.

A imaginária luso-cingalesa, trabalha as figuras religiosas de uma maneira delicada e precisa: faces de configuração afilada com olhos amendoados e expressivos, narizes finos de abas apertadas e de linha vagamente adunca e bocas finas e pequenas.

A finalidade das placas, pelas suas pequenas dimensões facilmente transportadas pelos missionários, era a de catequisar e de servir o culto público em igrejas e capelas tendo sido elementos fundamentais nas Missões Cristãs na Ásia, dada a forte componente didáctica. Por vezes juntavam-se para formar pequenos oratórios ou até retábulos.

Os modelos eram quase sempre gravuras italianas que corriam ao tempo, em todo o Oriente, levadas pelos missionários e a execução desta placa denota a adopção do figurino pictural do maneirismo romano. De facto este tema iconográfico foi pintado por Federico Zuccaro, que se tornou famoso por ser pintor de frescos (na sala principal do Vaticano), num estilo baseado e influenciado por Miguel Ângelo e Rafael. Fundou a Academia de San Luca, em Roma (1542-1609) e trabalhou para os Papas: Papa Júlio III e Papa Paulo IV. Esta peça é uma das placas ebúrneas de expressão mais europeizada, sinal de ter sido executada por um grande artífice, muito familiarizado com as técnicas e a estética que os Portugueses levaram para a Índia



Por milénios, os sinetes foram usados como símbolo de propriedade, garantir privacidade em correspondência, ratificar tratados ou garantir autenticidade.

Os primeiros sinetes, possivelmente descendentes de amuletos ou talismãs, cuja tradição remonta à era paleolítica (7º milénio A.C.), eram feitos de argila cozida ou pedra. Os sinetes primitivos apresentavam linhas cruzadas e mais tarde apareceram motivos decorativos com animais e figuras humanas.

Só milhares de anos mais tarde apareceu o sinete em forma de anel e tornou-se num carimbo ou assinatura. Durante o Renascimento o uso dos sinetes vulgarizou-se na Europa, principalmente com propósitos comerciais e legais utilizando brasões. O sinete de algibeira tornou-se um importante artigo

decorativo e símbolo de status no séc. XVIII, principalmente em Inglaterra. O selo é gravado em relevo ou em baixo-relevo com as armas ou as iniciais de quem o usa.



057. SINETES OU LACRES

Marfim e bronze
Séc. XVII a XIX
Alt.: 10,0 a 14,5 cm

SEALS

Ivory and brass
17th to 19th century
Height: 10,0 to 14,5 cm

Belo conjunto de doze sinetes portugueses e indo-português, constituídos por mão em marfim torneado e cunho em bronze.

Para além de monogramas, escudos ou brasões esquartelados, salientamos dois sinetes em especial, um pertencente a um Núncio Apostólico Português ao serviço de Santa Sé, com o brasão Papal emitido pelo Estado do Vaticano; outro pertencente à coleção de Francisco Hipólito Raposo com as armas reais portuguesas.

058. CAIXA MOGOL

Marfim

Índia Mogol; séc. XVII

Dim.: 5,0 x 12,0 x 7,0 cm

SMALL BOX MOGHOL

Ivory

India Moghol; 17th century

Dim.: 5,0 x 12,0 x 7,0 cm

Rara caixa quadrangular feita de um bloco único de marfim, com tampa abaulada de encaixe, assente em pés de cartela e decorada num precioso trabalho de entalhamento, tão ao gosto mogol. Interior com compartimento em forma de flor tetralobada.

Profusamente decorada numa trama muito apertada de elementos florais da temática hindu, onde se destaca principalmente a flor de lótus. Tampa e faces laterais decoradas com painéis com cercadura em perfis duplos de influência islâmica, representando “entradas de templos”. As reservas são preenchidas com motivos vegetalistas, ramos de flores desabrochadas, destacando-se num único painel, a figura de um animal, um gracioso macaco, comendo um fruto. Toda a decoração da caixa e tampa é envolvida numa moldura de pequeninos círculos concêntricos.

Este tipo de caixas eram conhecidas na Índia pelo nome genérico *Masaladan*, tendo, no entanto, variadas denominações conforme o seu objectivo. *Attardans*, se serviam para guardar pétalas de flores de raro perfume; *Pandans*, quando guardavam os ingredientes para a confecção do *Pan*; *Sumardans*, para conter o *Khol* ou outros produtos cosméticos, entre vários outros exemplos.





059. ARCA LACADA DE GRANDES DIMENSÕES

Teca lacada a negro e ouro
Índia, Golfo de Bengala, séc. XVI /XVII
Dim.: 39,0 x 87,0 x 50,0 cm

A LARGE LACQUERED CHEST
Carved wood lacquered and gilded
India, Bay of Bengal, 16 /17th century
Dim.: 39,0 x 87,0 x 50,0 cm

Arca em madeira exótica com tampo superior de levantar e duas gavetas; decoração relevada, lacada a negro e encarnado e dourada.

Exterior com motivos em talha baixa em todas as faces, delimitadas por molduras lisas, revelando uma alta qualidade de trabalho, e revestida a laca negra enriquecida a ouro com a finalidade de enriquecer e de realçar a tridimensionalidade do objecto.

No tampo, emoldurada por um friso periférico em ponta de diamante e numa representação típica dos tabuleiros de laca da costa de Bengala, destaca-se ao centro uma flor de lótus de mil pétalas inserida num elaborado envolvimento de ramagens em voluta de folhas e flores, sendo este motivo repetido em cada um dos quatro cantos do tampo.

Frente com duas gavetas decoradas com dois leões afrontados, separados por escudo central onde repousa a fechadura em ferro; por cima das gavetas preenchimento com enrolamentos vegetalistas, característica da arte islâmica, cujo *horror vacui* é evidente nesta arca. A decoração das secções laterais é semelhante representando ramagens ondulantes com os mesmos elementos vegetalistas.

No interior, verso do tampo com pintura dourada sobre laca vermelha, de marcada influência chinesa, cujos motivos se baseiam no repertório tradicional chinês, e onde estão representadas duas fénix, a imperatriz das aves, rodeada de ramos de folhas e flores estilizadas.

Fecharia e gualdras laterais em ferro. Cantos reforçados por pregaria.

Esta peça cuja origem é atribuída à parte indiana do Golfo de Bengala, ostenta uma combinação de influências artísticas na sua decoração. No século XVI era uma das poucas regiões geográficas onde conviviam hindus, muçulmanos, chineses e portugueses e onde se desenvolveu uma cultura artística de grande qualidade. Os enrolamentos de carácter vegetalista são influência da arte islâmica. A utilização de elementos decorativos *chinoiserie* atesta a influência que a China exercia em toda a Ásia. Arcas e caixas-escritório eram copiadas de protótipos europeus e grande número destas peças foram encomendadas pela nobreza Portuguesa.

Vd. - FERRÃO, Bernardo; "Mobiliário Português"; vol. III; Porto, 1990

- PEREIRA, João Castel-Branco; "The World of Lacquer"; F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 2001





060. CAIXA DE ESCRITA

Laca s/ madeira e ouro
Índia; Golfo de Bengala; séc. XVII
Dim.: 10,0 x 24,5 x 18,0 cm

A WORKBOX

Carved wood lacquered and gilded
India; Bay of Bengal; 17th century
Dim.: 10,0 x 24,5 x 18,0 cm

Caixa de escrita, de formato rectangular e com tampa superior de levantar, em madeira exótica lacada a negro e encarnado e ouro. Exterior com relevo em talha baixa, revestido a laca negra e enriquecido a ouro, em todas as faces. A decoração organiza-se em painéis de motivos fitomórficos, com ramagens onduladas e folhas em forma de “foicinha” rematadas por flores, delimitados por molduras lisas.

No interior, a tampa apresenta decoração a ouro brunido sobre laca negra, representando uma flor de lótus exuberante, desabrochada com pétalas em “escama”, num painel de ramagens, onde poisam lateralmente duas fénix, a imperatriz das aves no repertório tradicional chinês, testemunho da marcada influência chinesa; perifericamente moldura formada por friso a ouro com motivos vegetalistas. A caixa apresenta um escaninho para arrumação de documentos e material de escrita e está lacada a encarnado.

Fechadura de ferrolho, com espelho rectangular, pega de transporte e dobradiças presas com tachões de ferro em forma de corola.





061. ESCRITÓRIO DE MESA “ESTRELA DE DAVID”

Sissó, teca e marfim
 Guzarate ou Sinde; séc. XVII
 Dim.: 16,0 x 27,5 x 20,0 cm

A TABLE CABINET “STAR OF DAVID”

Indian Rosewood, teak and ivory
 Guzarat or Sind; 17th century
 Dim.: 16,0 x 27,5 x 20,0 cm



Extraordinário exemplar de caixa-escritório Mogol, com riquíssima decoração representando a Estrela de David, símbolo sagrado na religião judaica.

A caixa tem formato rectangular e tampa frontal de abater, estrutura em madeira de teca decorada com embutidos de sissó, ébano e marfim, num tipo que é denominado como *sadeli*. Aqui, a utilização do marfim é muito delicada, alternando com madeira, formando um padrão de micromosaicos policromos com imbricados desenhos geométricos e desenhos florais. O marfim dá um grande contraste à decoração, obtendo-se uma policromia fascinante com verdes e com o negro do ébano a contrastar com a alvura do marfim.

No exterior, todas as faces e tampo apresentam painéis centrais de micromosaico emoldurados por faixas preenchidas simetricamente com flores estilizadas ligadas por caules em voluta, com folhas “em vírgula” tão ao gosto da arte Mogol. As faces são limitadas por frisos de marfim, em pequenos e delicados filetes. De salientar, como decoração central do tampo a Estrela de David, um símbolo real, representativo do reinado de David.

No interior, tampo repetindo o padrão decorativo do exterior e caixa com seis gavetas, simulando sete, obedecendo a simetria e contendo um nicho central, com o mesmo tema decorativo e com puxadores em forma de “pingente”, em cobre dourado, com espelho em rosácea.

Fechadura recortada em forma de escudete e pegas laterais em cobre dourado

Por ser de uma tão grande riqueza, este móvel não poderia ter sido destinado senão a uma grande personagem, provavelmente um visitante judeu muito ilustre à corte Mogol, e à qual não é estranha a grande tolerância religiosa e cultural na Índia fomentada pelo Imperador Akbar no século XVI.

Nos domínios do Grão Mogol, a decoração de embutidos dos móveis teve um brilho e uma profusão que espantou os Europeus, logo em meados do séc. XVI, fazendo acorrer os nossos comerciantes a Sinde ou aos portos de Cambaia. Cidades importantes da órbita do Império Mogol aplicaram a sua notabilíssima decoração nos modelos europeus. Os contadores que chegaram até nós descendem dos congêneres europeus: os alemães e os italianos.

062. CONTADOR

Sissó e ébano, marfim
Guzarate ou Sind; séc. XVII
Dim.: 31,0 x 51,0 x 31,3 cm

TABLE CABINET

Indian Rosewood and ebony
Guzarat or Sind; 17th century
Dim.: 31,0 x 51,0 x 31,3 cm

Contador Indo-Português, de sissó e ébano, paralelepípedo, marchetado de marfim, com decoração em mosaico *sadeli*.

Frente com dez gavetas, simulando doze, todas iguais e em perfeita simetria na decoração.

O exterior está decorado na reserva central por uma sequência de arcos contra-curvados de perfil islâmico. Estes rodeiam uma elipse preenchida por rosáceas elaboradas a partir de embutidos de marfim tingido de verde, jogando em alternância com os embutidos geométricos de marfim de cor natural, de madeira de sissó e de ébano, salientados por filetes de cobre dourado.

Borda debruada por uma dupla moldura obtida a partir de um filete de marfim embutido,

em cujo interior surge uma tarja de corolas contínuas e equidistantes.

O mesmo tipo de decoração repete-se nas ilhargas, onde se aplicam as pegas para transporte.

As gavetas de pequeno tamanho exibem uma decoração muito rica em desenho e policromia. O espelho da fechadura é recortado e gravado com uma águia bicéfala, representação do poder e da nobreza dos grandes impérios.

A composição é primorosa e cada painel de mosaico é concebido para tirar o máximo proveito das cores contrastantes e texturas de materiais exóticos e valiosos.

Vd. - JAFFER, Amin; "Luxury Goods from India"



063. ESCRITÓRIO DE BANCA

Teca e ébano
Indo-Português; séc. XVII
Dim.: 24,5 x 39,0 x 30,5 cm

TABLE CABINET

Teak and ebony
Indo-Portuguese; 17th century
Dim.: 24,5 x 39,0 x 30,5 cm

Escritório de pousar com formato rectangular e tampo de abater, com estrutura em teca e ébano e decoração esparsa, de grande sobriedade. Interior com seis gavetas simulando sete, dispostas em simetria, envolvendo um nicho central com arco superior relevado que assenta sobre duas colunas balastradas. Pingentes de ferro em forma de lágrima com espelho em forma de crisântemo.

A decoração exterior está em sintonia com a composição interior, com painéis em teca lisa moldurados por ébano. Tampo com grande escudete de ferro recortado e vazado e nos lados pegas para transporte com espelho em ferro recortado em forma de escudete. Este pequeno móvel tinha por função acompanhar os trabalhos de escrita que se faziam sobre uma bancada.



064. PAR DE CONTADORES

Teca, tartaruga e marfim
Indo-Português; séc. XVII
Dim.: 16,5 x 28,0 x 20,0 cm

A PAIR OF TABLE CABINETS
Tortoiseshell, ivory and teak
Indo-Portuguese; 17th century
Dim.: 16,5 x 28,0 x 20,0 cm

Par de contadores de mesa com tampo de abater em teca, revestida a placas de tartaruga sobre folhas de ouro, com seis gavetas simulando sete e com tampo de abater. As placas de tartaruga estão emolduradas por tarjas de marfim e com um embutido linear de segmentos de madeira alternando com marfim. Ferragens de latão com espelho em forma de roseta, asas nas ilhargas, pormenor que reflecte o carácter móvel destas peças. Pelas dimensões deste objecto é de facto, facilmente transportável.

A função de conter e escrever, torna o contador um objecto indispensável nas deslocações e indicado para guardar jóias, documentos, relíquias e dinheiro, fazendo assim todo o sentido que as gavetas fossem protegidas. Este modelo com uma gaveta central maior e tampo de abater deriva dos pequenos escritórios de viagem alemães de Nuremberga e Ausburgo, do séc. XVI/XVII muito difundidos na Europa de então. Chegou

mesmo a ser proibida a sua importação por Filipe II de Espanha como medida para limitar os gastos sumptuários no Reino.

Executado por artífices locais do norte da Índia, o contador Indo-Português do tipo mogol deve o nome a esta dinastia reinante. Dezasseis anos depois da tomada de Goa pelos portugueses em 1510, também o norte da Índia é invadido por um exército afegão da Ásia Central, comandado pelo turco Babur que funda a dinastia Mogol, consolidada anos mais tarde por Akbar (1556-1605). Akbar, figura incontornável, de espírito muito vanguardista, interessado pelas diversidades étnicas, religiosas, culturais e artísticas, funda a cidade de Gujarat, em 1573, onde aglutina e faz conviver as culturas muçulmanas, hindu e posteriormente cristã. Desta extraordinária metrópole onde a corte se instalou, saiu um grande número de peças deste tipo.





065. NATUREZA MORTA
Óleo s/ tela
Escola Italiana; séc. XVIII
Dim.: 64,0 x 105,0 cm

NATUREZA MORTA
Oil on canvas
Italian school; 18th century
Dim.: 64,0 x 105,0 cm





066. MODIGLIANI, 1914

SEM TÍTULO

Tinta da china e lápis azul s/ papel

Assinado e datado 1 *Giugno* c.i.d.

Dim.: 21,0 x 13,0 cm

MODIGLIANI, 1914

UNTITLED

China ink and blue pencil on paper

Signed and dated 1 *Giugno*

Dim.: 21,0 x 13,0 cm

Ex-Colecção / Former Collection

- Família de José A. da Fonseca

Reproduzido em: / Illustrated in:

- *Catálogo Raisonné "Amedeo Modigliani"; Vol. VI; Editions des Archives*

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity

- *Archives Legales Amedeo Modigliani; n°117/14*

- *José Arcanjo da Fonseca, escultor Português, amigo de Modigliani*



A. MORGANTI
1894 - 1920



067. SERGE POLIAKOFF
COMPOSITION ABSTRAITE

Óleo s/ tela

Assinado c.i.e; datado 1965 no verso

Dim.: 22,0 x 27,0 cm

SERGE POLIAKOFF
COMPOSITION ABSTRAITE

Oil on canvas

Signed and dated 1965

Dim.: 22,0 x 27,0 cm

Figurou em: / Exhibited in:

- "Serge Poliakoff"; Veneza, 1969; cat.

- "Pintores do Séc. XX"; Galeria Dinastia; Lisboa, 1972; cat. p. 18, nº29

Reproduzido em: / Illustrated in:

- Catálogo Raisonné; Vol. 5

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity

- Archives Serge Poliakoff; nº 965147



068. ARPAD SZENES, 1962

LE TRÉSOR ÉCHOUÉ

Óleo s/ tela

Assinado c.i.d.; não datado

Dim.: 73,0 x 116,0 cm

ARPAD SZENES, 1962

LE TRÉSOR ÉCHOUÉ

Oil on canvas

Signed; undated

Dim.: 73,0 x 116,0 cm

Figurou em: / Exhibited in:

- Galerie Alice Pauli; Lausanne, 1968; n°10
- Musée des Beaux Arts; Rouen, 1971-1973; il. p. 59
- F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1972; n°128; il. p. 70
- Musée Fabre; Montpellier, 1973; n°59
- Royal Scottish Academy; Édimburgo, 1973; n°44
- MAM; Paris, 1974; n°44
- Musée Ingres; Montauban, 1982; n°4
- C. Culturel Calouste Gulbenkian; Paris, 1986; n°5
- F. Calouste Gulbenkian; Lisboa, 1987; cat. il. 7
- Maison des Princes; Pérouges, 1990; n°10
- F. Arpad Szenes/Vieira da Silva; Lisboa, 1997; il. p. 99
- Hôtel de Ville; Paris, 2000; il. p. 165

Reproduzido em: / Illustrated in:

- JAEGER, Chiara Calzetta; *Catálogo Raisonné des Dessins et des Peintures, Vol. II*; p. 555; ref. AS62-004
- GUY, Weelen e PHILIPPE, Anne; "Arpad Szenes"; *P. Europa-America*; 1991; il. n°162; p. 145
- GRENIER, J.; "Arpad Szenes"; *Editions Galanis*; 1973; il. p. 66



069. **RAOUL DUFY, c. 1912**
COMPOSITION A LA FENÊTRE
 Grafite s/ papel
 Assinado; não datado
 Dim.: 40,0 x 31,0 cm

RAOUL DUFY, c. 1912
 COMPOSITION A LA FENÊTRE
 Graphite on paper
 Signed; undated
 Dim.: 40,0 x 31,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- Catálogo Raisonné em fase de preparação

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity

- Mme Guillon-Laffaille nºDo1-1335



070. VIEIRA DA SILVA
SEM TÍTULO
Gouache s/ papel
Assinado e datado Lisboa 1958 c.i.d.
Dim.: 17,0 x 32,0 cm

VIEIRA DA SILVA
UNTITLED
Gouache on paper
Signed and dated Lisboa 1958
Dim.: 17,0 x 32,0 cm

Dedicatória a / Dedicated to

- René Char

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity

- Jean François Jaeger, Comité Szenes - Vieira da Silva



071. **BENGT LINDSTROM, 1993**
FAUCON DU RIVAGE
Acrílico s/ papel
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 66,0 x 50,0 cm

BENGT LINDSTROM, 1993
FAUCON DU RIVAGE
Acrylic on paper
Signed; undated
Dim.: 66,0 x 50,0 cm

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity
- Bengt Lindström Foundation of Modern Art



072. KAREL APPEL, 1988
FACE
Acrílico s/ tela
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 112,0 x 77,0 cm

KAREL APPEL, 1988
FACE
Acrylic on canvas
Signed; undated
Dim.: 112,0 x 77,0 cm



073. DÓRDIO GOMES
SEM TÍTULO

Tinta da china e grafite s/ papel
Assinado e datado 1970 c.i.d.
Dim.: 33,5 x 45,5 cm

DÓRDIO GOMES
UNTITLED
China ink and graphite on paper
Signed and dated 1970
Dim.: 33,5 x 45,5 cm

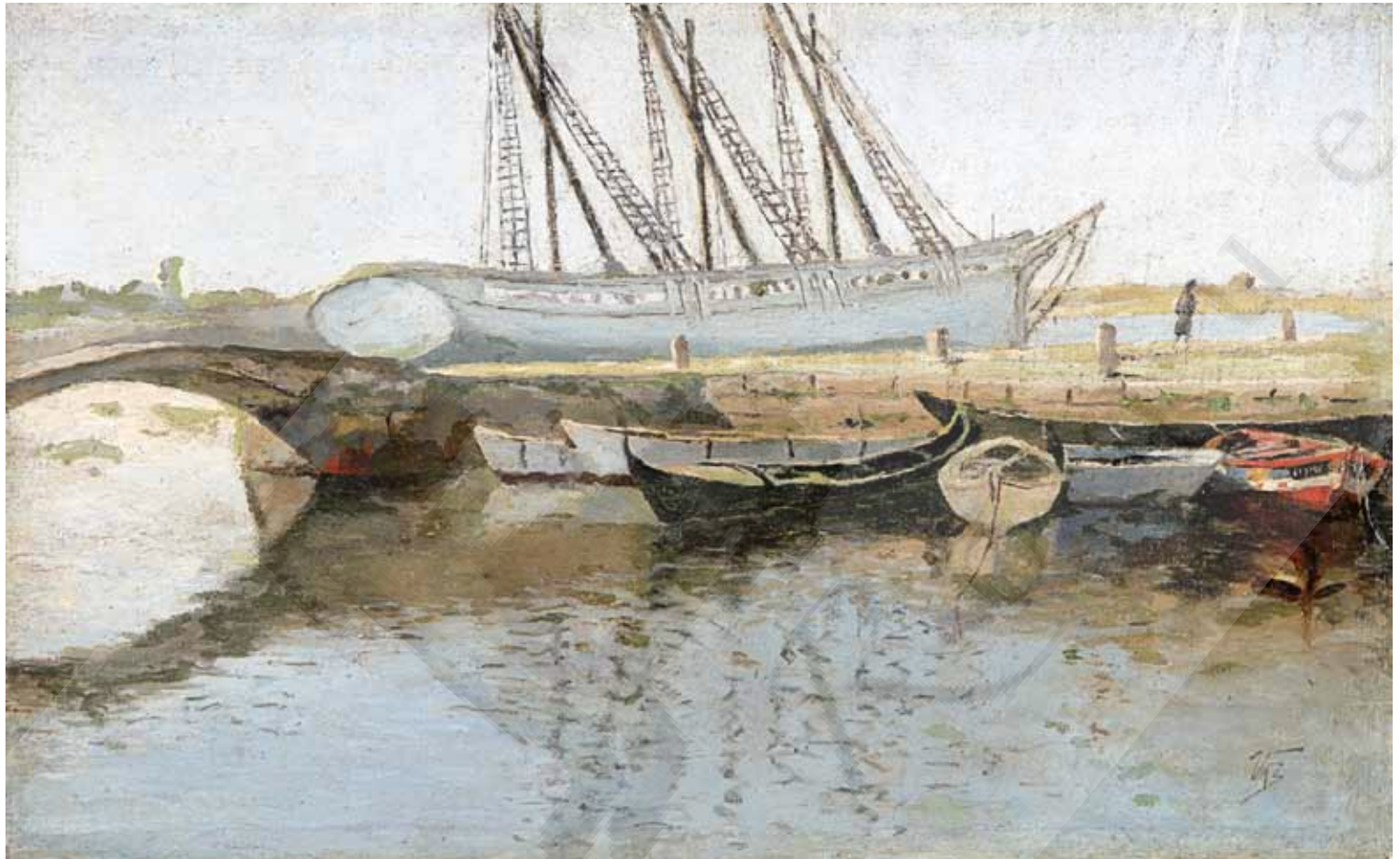


074. CARLOS BOTELHO
A LOTA EM CASCAIS
Óleo s/ tela
Assinado e datado 1934 c.i.d.
Dim.: 63,0 x 79,0 cm

CARLOS BOTELHO
A LOTA EM CASCAIS
Oil on canvas
Signed and dated 1934
Dim.: 63,0 x 79,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- SILVA, Raquel H.; "Carlos Botelho"; Editorial Presença; p. 92



075. JOÃO VAZ, c. 1928
PORTO DO AVE
 Óleo s/ madeira
 Assinado c.i.d.; não datado
 Dim.: 30,0 x 49,0 cm

JOÃO VAZ, c. 1928
PORTO DO AVE
 Oil on wood
 Signed; undated
 Dim.: 30,0 x 49,0 cm

Ex-Coleção / Former Collection

- Família do Pintor

Figurou em: / Exhibited in:

- "João Vaz, Um Pintor do Naturalismo";

Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves; Lisboa, 2005; cat. p. 172, nº160

- 25^a Exposição da SNBA; Lisboa, 1928; cat. p. 154



076. JOÃO VAZ

CASAS DE PESCADORES, BUARCOS

Óleo em tela s/ madeira

Não assinado; não datado

Dim.: 34,0 x 46,0 cm

JOÃO VAZ

CASAS DE PESCADORES, BUARCOS

Oil on canvas pasted on wood

Unsigned; undated

Dim.: 34,0 x 46,0 cm

Ex-Colecção / Former Collection

- Família do Pintor

Figurou em: / Exhibited in:

- "João Vaz, Um Pintor do Naturalismo",

Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves; Lisboa, 2005; cat. p. 206, nº221



077. DOMINGUEZ ALVAREZ
SEM TÍTULO – PAISAGEM
Óleo s/ cartão
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 21,0 x 14,0 cm

DOMINGUEZ ALVAREZ
UNTITLED – LANDSCAPE
Oil on cardboard
Signed; undated
Dim.: 21,0 x 14,0 cm



078. DOMINGUEZ ALVAREZ
SEM TÍTULO
Óleo s/ madeira
Não assinado; não datado
Dim.: 17,0 x 25,5 cm

DOMINGUEZ ALVAREZ
UNTITLED
Oil on wood
Unsigned; undated
Dim.: 17,0 x 25,5 cm

Certificados de Autenticidade / Certificates of Authenticity
- Armando Alves e Bernardo Pinto de Almeida



079. DOMINGUEZ ALVAREZ

SEM TÍTULO

Óleo s/ tela

Assinado e datado 1930 c.i.d.

Dim.: 44,6 x 53,8 cm

DOMINGUEZ ALVAREZ

UNTITLED

Oil on canvas

Signed and dated 1930

Dim.: 44,6 x 53,8 cm

*Ex-Coleção / Former Collection**- Jaime Isidoro**Reproduzido em: / Illustrated in:**- "Alvarez"; INCM; Lisboa, 1987; p. 65**- LAURA, Castro; "Dominguez Alvarez - Alvarez, Um Caso de Desobediência"; Caminho Editora; p. 31**Figurou em: / Exhibited in:**- F. Calouste Gulbenkian - CAM; Lisboa, 2006; cat. p. 170, fig. 53**- Museu Carlo Bilotti; Roma, 2012**Inscrição na tela / Writing in canvas**- "Alegre.....nas casasno 930"*



080. CARLOS REIS
SEM TÍTULO
À PORTA DO CASAL DA LAGARTIXA

Grafite s/ papel
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 60,0 x 42,0 cm

CARLOS REIS
UNTITLED
À PORTA DO CASAL DA LAGARTIXA

Graphite on paper
Signed; undated
Dim.: 60,0 x 42,0 cm



081. CARLOS REIS
ANÃ DO VILARINHO
Grafite s/ papel
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 50,0 x 40,0 cm

CARLOS REIS
ANÃ DO VILARINHO
Graphite on paper
Signed; undated
Dim.: 50,0 x 40,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- REIS, Pedro Carlos; "Carlos Reis"; ACD Edições; 1917;
(estudo da pintura a óleo)



082. OFÉLIA MARQUES
 ISABEL SANGARO
 Tinta-da-china e gouache s/ papel
 Não assinado; não datado
 Dim.: 25,2 x 17,8 cm

OFÉLIA MARQUES
 ISABEL SANGARO
 China ink and gouache on paper
 Unsigned; undated
 Dim.: 25,2 x 17,8 cm

Figurou em: / Exhibited in:

- "Álbum de uma Menina Morta"; Galeria de Colares, 1989; p. 33

No verso carimbo / Backed seal

- "Original de Ofélia Marques", autenticado por Maria de Lurdes Marques e Paulo Ferreira



o83. BERNARDO MARQUES
SEM TÍTULO - LISBOA
Técnica mista s/ papel
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 25,0 x 32,0 cm

BERNARDO MARQUES
UNTITLED - LISBOA
Mixed media on paper
Signed; undated
Dim.: 25,0 x 32,0 cm



o84. BERNARDO MARQUES
SEM TÍTULO - SINTRA
Técnica mista s/ papel
Assinado c.i.e.; não datado
Dim.: 24,5 x 32,0 cm

BERNARDO MARQUES
UNTITLED - SINTRA
Mixed media on paper
Signed; undated
Dim.: 24,5 x 32,0 cm



085. ROQUE GAMEIRO
NAZARÉ
Aquarela s/ papel
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 18,6 x 23,0 cm

ROQUE GAMEIRO
NAZARÉ
Watercolor on paper
Signed; undated
Dim.: 18,6 x 23,0 cm



o86. MÁRIO ELOY

SEM TÍTULO

Tinta da china s/ papel

Assinado c.i.e.; não datado

Dim.: 25,0 x 36,7 cm

MÁRIO ELOY

UNTITLED

China ink on paper

Signed; undated

Dim.: 25,0 x 36,7 cm



087. ALMADA NEGREIROS, 1947
SEM TÍTULO – MINOTAURO I
Tinta da china s/ papel
Não assinado; não datado
Dim.: 34,0 x 26,2 cm

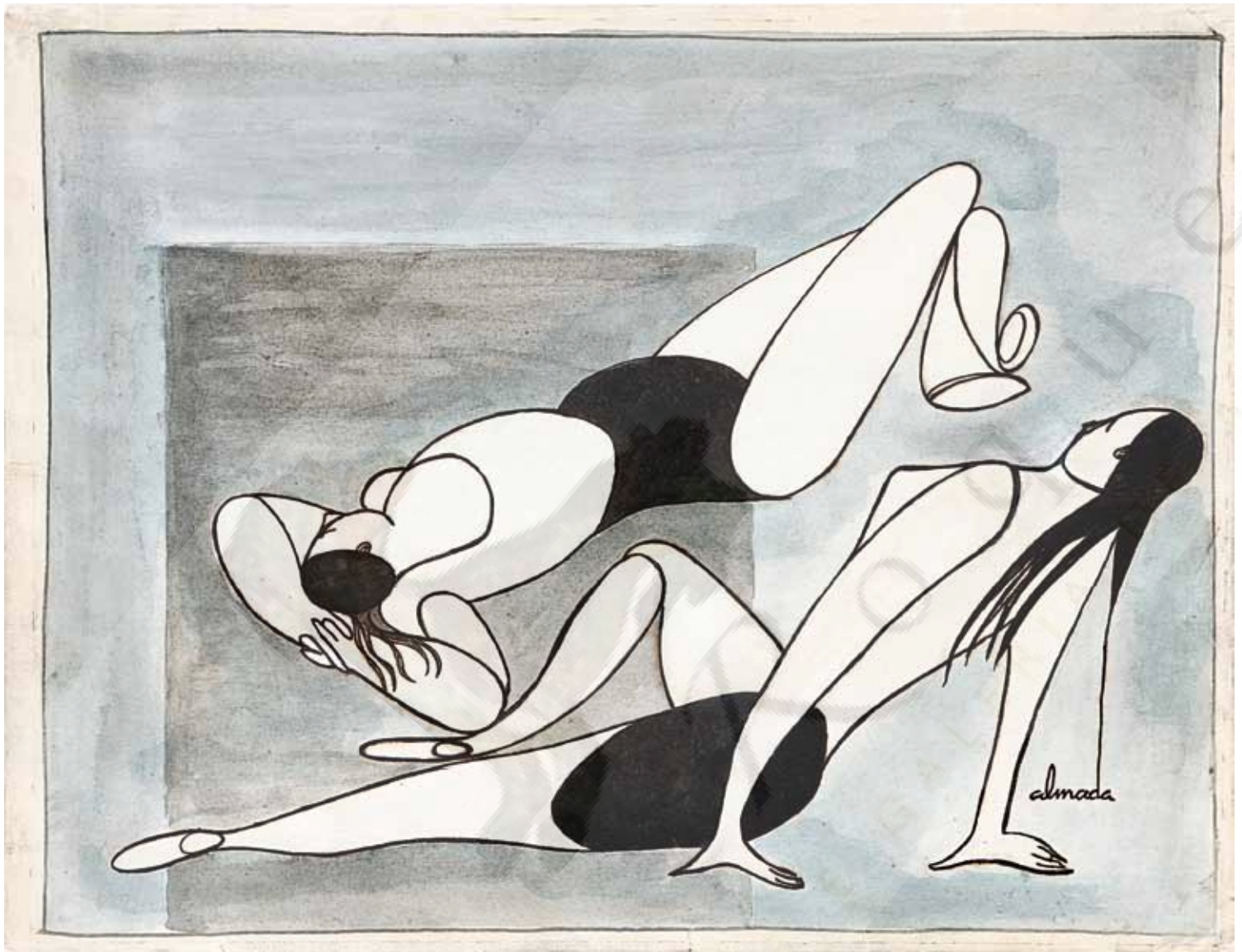
ALMADA NEGREIROS, 1947
UNTITLED – MINOTAURO I
China ink on paper
Unsigned; undated
Dim.: 34,0 x 26,2 cm

Ex-Colecção / Former Collection
- Arquitecto António Varela
Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity
- Joana Varela



088. ALMADA NEGREIROS
SEM TÍTULO – MINOTAURO II
Tinta da china s/ papel
Assinado e datado 47 c.i.e.
Dim.: 33,4 x 26,5 cm

ALMADA NEGREIROS
UNTITLED – MINOTAURO II
China ink on paper
Signed and dated, 47
Dim.: 33,4 x 26,5 cm



089. **ALMADA NEGREIROS**
SEM TÍTULO - BANHISTAS
 Técnica mista s/ papel
 Assinado c.i.d; não datado
 Dim.: 31,5 x 40,7 cm

ALMADA NEGREIROS
 UNTITLED - BANHISTAS
 Mixed media on paper
 Signed; undated
 Dim.: 31,5 x 40,7 cm

No verso / Backed

- Autenticação por Sarah Affonso e José Almada Negreiros



090. **ALMADA NEGREIROS**
SEM TÍTULO
Tinta da china s/ papel
Não assinado; não datado
Dim.: 26,0 x 18,0 cm

ALMADA NEGREIROS
UNTITLED
China ink on paper
Unsigned; undated
Dim.: 26,0 x 18,0 cm

Ex-Colecção / Former Collection
- Sophia de Mello Breyner

Figurou em: / Exhibited in:
- F. Calouste Gulbenkian – CAM; Lisboa, 1984; cat. n.º 362



091. **ALMADA NEGREIROS**
AUTO-RETRATO
Grafite s/ papel
Assinado ao centro e datado 40
Dim.: 65,0 x 41,5 cm

ALMADA NEGREIROS
“AUTO-RETRATO”
Graphite on paper
Signed and dated 40
Dim.: 65,0 x 41,5 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- VIEIRA, Joaquim; “Almada Negreiros”; Bertrand Editora; p. 119

Figurou em: / Exhibited in:

- F. Calouste Gulbenkian - CAM; Lisboa, 1984; cat.





092. CARLOS CALVET
SEM TÍTULO
Óleo s/ platex
Assinado c.i.e.; datado 55 c.i.d.
Dim.: 26,7 x 44,0 cm

CARLOS CALVET
UNTITLED
Oil on hardboard
Signed and dated 55
Dim.: 26,7 x 44,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Carlos Calvet - 60 Anos de Pintura"; ACD Editores; p. 238; fig. 382



093. CARLOS CALVET
SEM TÍTULO
Óleo s/ platex
Assinado e datado 50 c.i.d.
Dim.: 28,2 x 42,4 cm

CARLOS CALVET
UNTITLED
Oil on hardboard
Signed and dated 50
Dim.: 28,2 x 42,4 cm



094. JOSÉ ESCADA
SEM TÍTULO - AUTORETRATO
Técnica mista s/ papel
Assinado e datado 76 c.i.d.
Dim.: 28,0 x 20,5 cm

JOSÉ ESCADA
Untitled – Autoretrato
Mixed media on paper
Signed and dated 76
Dim.: 28,0 x 20,5 cm

Figurou em: / Exhibited in:

- "José Escada"; Galeria de São Bento; Lisboa, 1989



095. ANTÓNIO QUADROS
A PORTA VERDE
 Óleo s/ madeira
 Assinado e datado António 1957
 no verso
 Dim.: 74,0 x 62,0 cm

ANTÓNIO QUADROS
A PORTA VERDE
 Oil on wood
 Signed and dated, António 1957
 Dim.: 74,0 x 62,0 cm



No verso pinturas e inscrição: / Backed with paintings and notes:

- "Recusado na Gulbenkian em 57"

Na moldura poesia do pintor / Frame with poetry by the artist

- "Ponha-se em oiro. Quanto digam dizeres de fala, fadada. Baba da praga.
 rogada. Ao milhano p'la formiga"



096. MÁRIO CESARINY
SEM TÍTULO – MENINA POESIA
Acrílico s/ tapeçaria
Não assinado; não datado
Dim.: 197,0 x 134,0 cm

MÁRIO CESARINY
UNTITLED – MENINA POESIA
Acrylic on tapestry
Unsigned; undated
Dim.: 197,0 x 134,0 cm

Ex-Colecção / Former Collection
- Mário Cesariny



097. MÁRIO CESARINY
SEM TÍTULO
Técnica mista s/ papel
Assinado e datado 1986 c.i.d.
Dim.: 23,0 x 29,0 cm

MÁRIO CESARINY
UNTITLED
Mixed media on paper
Signed and dated 1986
Dim.: 23,0 x 29,0 cm

No verso / Backed

- "Por me têr sido pedido, declaro sêr da minha autoria o presente trabalho plástico, que é técnica mista, de homenagem ao México de Antonin Artaud, 1986. Mário Césariny, Lisboa, 3 janeiro 2004"



098. **ROGÉRIO RIBEIRO**
SEM TÍTULO
Acrílico em papel s/ tela
Assinado e datado 02 no verso
Dim.: 155,0 x 126,5 cm

ROGÉRIO RIBEIRO
UNTITLED
Acrylic on paper laid on canvas
Signed and dated 02
Dim.: 155,0 x 126,5 cm



099. **ROGÉRIO RIBEIRO**
SEM TÍTULO
Acrílico em papel s/ tela
Assinado e datado 02 no verso
Dim.: 155,0 x 126,5 cm

ROGÉRIO RIBEIRO
UNTITLED
Acrylic on paper laid on canvas
Signed and dated 02
Dim.: 155,0 x 126,5 cm

Figurou em: / Exhibited in:
- "Casa da Cerca"; C. Arte Contemporânea; Almada, 2004

Figurou em: / Exhibited in:
- "Casa da Cerca"; C. Arte Contemporânea; Almada, 2004



100. JOÃO VIEIRA
SEM TÍTULO
Óleo s/ cartão
Assinado e datado 88 c.i.d.
Dim.: 69,0 x 49,0 cm

JOÃO VIEIRA
UNTITLED
Oil on canvas
Signed and dated 88
Dim.: 69,0 x 49,0 cm



101. JÚLIO RESENDE, C. 1971
SEM TÍTULO - AGUADEIRO
Óleo s/ platex
Assinado c.i.d.; não datado
Dim.: 25,5 x 17,8 cm

JÚLIO RESENDE, C. 1971
UNTITLED – AGUADEIRO
Oil on hardboard
Signed; undated
Dim.: 25,5 x 17,8 cm

Figurou em: / Exhibited in:

- "Resende, Uma Mão Cheia De Cor"; São Roque Antiquidades e Galeria de Arte; Lisboa, 2011



102. JÚLIO RESENDE
SEM TÍTULO
Óleo s/ platex
Assinado e datado 63 c.s.e.
Dim.: 53,0 x 56,0 cm

JÚLIO RESENDE
UNTITLED
Oil on hardboard
Signed and dated, 63
Dim.: 53,0 x 56,0 cm

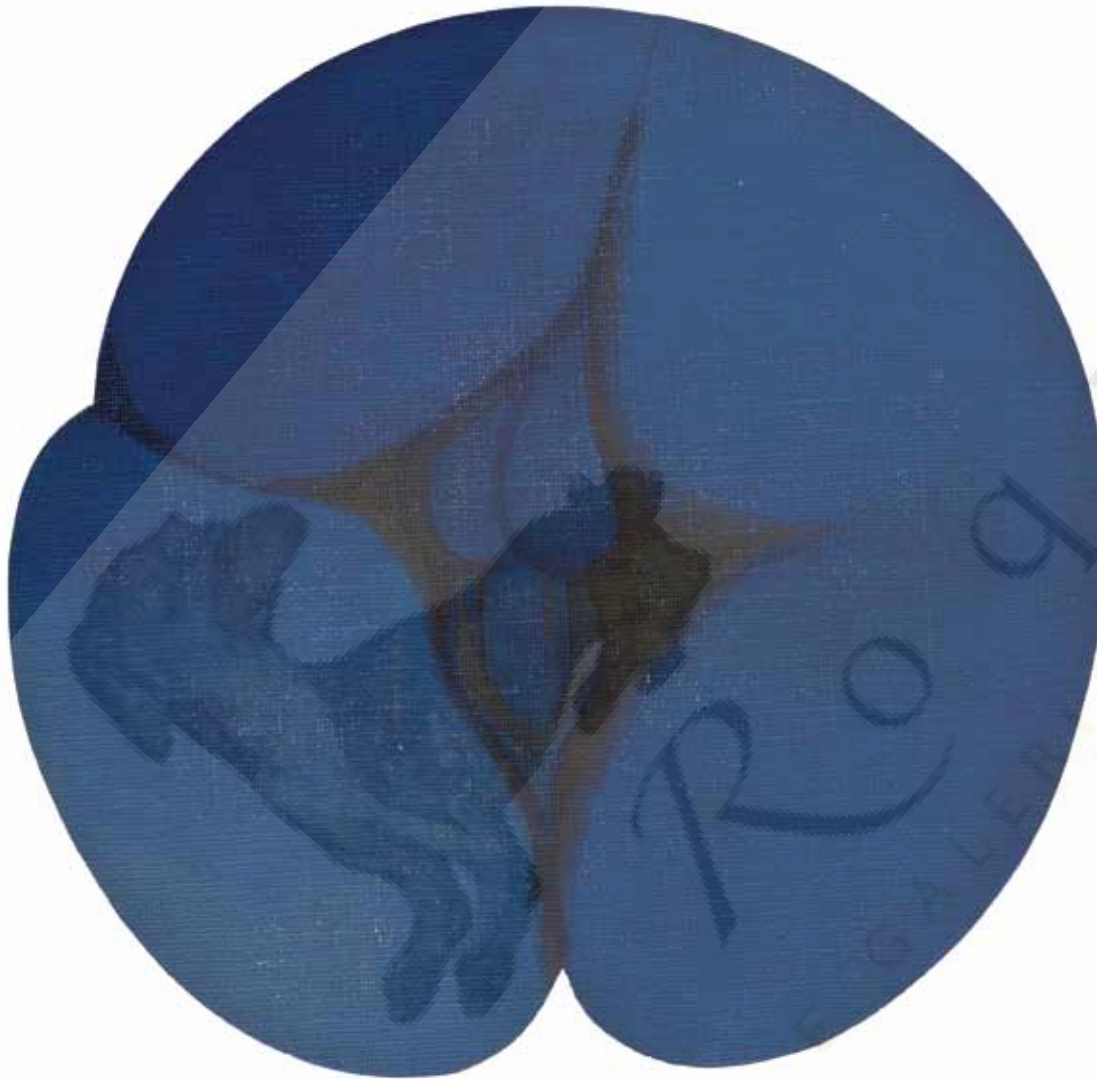
Figurou em: / Exhibited in:

- "Resende, Uma Mão Cheia De Cor"; São Roque Antiquidades
e Galeria de Arte; Lisboa, 2011



103. JÚLIO POMAR
CERÂMICA VIDRADA
Assinada e datada JP'54 frente e verso
Diâm: 27,0 cm

JÚLIO POMAR
GLAZED CERAMIC
Signed and dated JP'54
Dim: 27,0 cm



104. JÚLIO POMAR

ENSEIGNE

Acrílico em tela s/ madeira
Assinado e datado *Pomar 77*,
no verso
Dim.: 43,0 x 43,0 cm

JÚLIO POMAR

ENSEIGNE

Acrylic on canvas laid on wood
Signed and dated *Pomar 77*
Dim.: 43,0 x 43,0 cm

Ex-Coleção / Former Collection

- Jo Verbruggen; Houffalize; Belgique

Reproduzido em: / Illustrated in:

- *Catálogo Raisonné II, Pinturas e "Assemblages" 1968-1985; Éditions de la Différence; p. 180; fig. 236*



105. SÁ NOGUEIRA
SEM TÍTULO
Gouache s/ cartolina
Assinado ao centro; não datado
Dim.: 14,5 x 20,5 cm

SÁ NOGUEIRA
UNTITLED
Gouache on cardboard
Signed; undated
Dim.: 14,5 x 20,5 cm



106. LOURDES CASTRO
 PORTE-BONHEUR
 Técnica mista s/ cartão
 Assinado e datado Paris 1962, no verso
 Dim.: 22,5 x 33,0 cm

LOURDES CASTRO
 PORTE-BONHEUR
 Mixed media on cardboard
 Signed and dated, Paris 1962
 Dim.: 22,5 x 33,0 cm

No verso / Backed with note

- "Pour Sabine aujourd'hui, la fête du Printemps! 21 mars 1983. de tout mon coeur, Lourdes"



107. LOURDES CASTRO, 1966
**SOMBRA PROJECTADA
 DE ISAURA BETTENCOURT**
 Recorte e bordado s/ tecido
 Assinado c.i.e.; não datado
 Dim.: 56,5 x 56,5 cm

LOURDES CASTRO, 1966
 PROJECTED SHADOW
 OF ISAURA BETTENCOURT
 Embroidered on fabric
 Signed; undated
 Dim.: 56,5 x 56,5 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Além da sombra"; F. Calouste Gulbenkian – CAM; Lisboa, 1992; cat. p. 80

Figurou em: / Exhibited in:

- "Anos 60"; Museu de Arte Contemporânea; Funchal, 1997



108. LOURDES CASTRO
SOMBRA PROJECTADA
DE SABINE MONIRYS

Óleo s/ tela

Assinado e datado 1964 c.i.e.

Dim.: 65,0 x 54,0 cm

LOURDES CASTRO
PROJECTED SHADOW
OF SABINE MONIRYS

Oil on canvas

Signed and dated, 1964

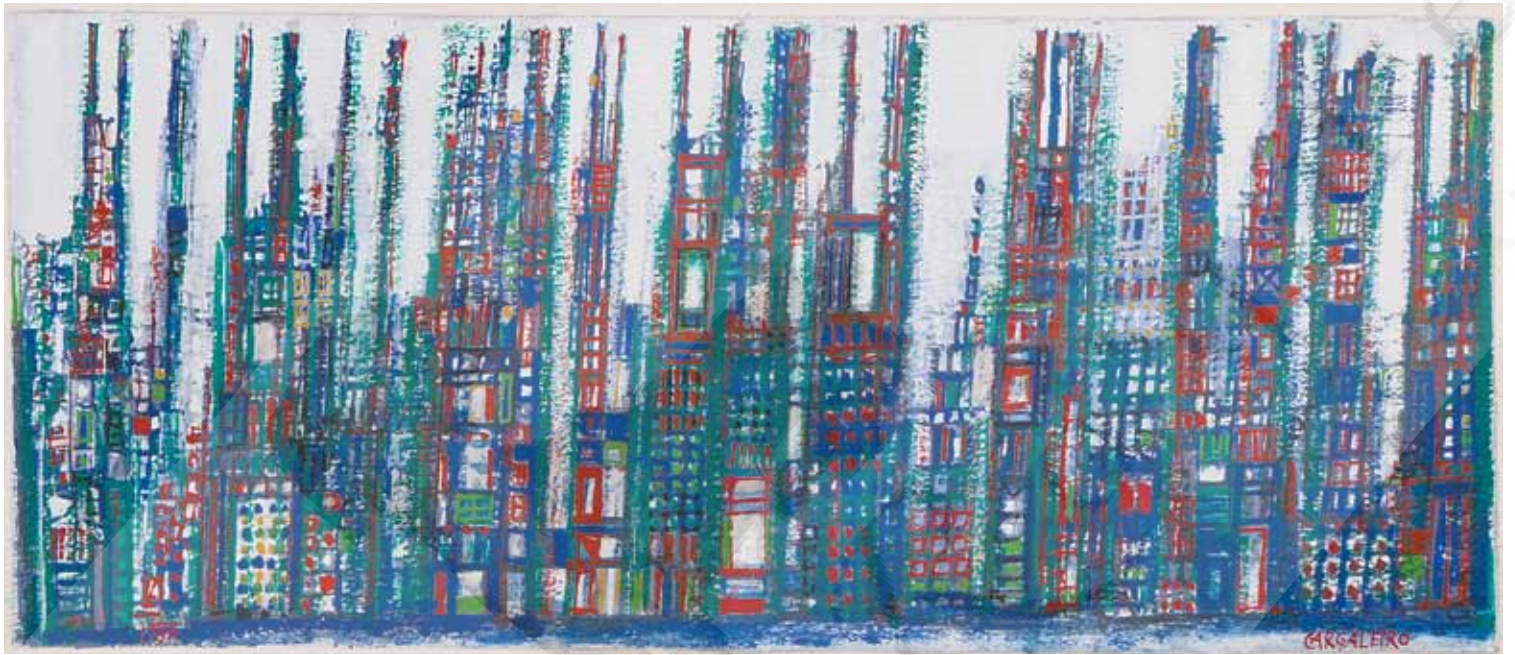
Dim.: 65,0 x 54,0 cm

Ex-Colecção / Former Collection

- Sabine Monirys

Figurou em: / Exhibited in:

- F. Calouste Gulbenkian – CAM; Lisboa, 1992; cat. p. 81



109. CARGALEIRO
SEM TÍTULO
Gouache s/ papel
Assinado c.i.d.; datado 1987 c.i.e.
Dim.: 31,5 x 72,0 cm

CARGALEIRO
UNTITLED
Gouache on paper
Signed and dated 1987
Dim.: 31,5 x 72,0 cm

Ex-Coleção / Former Collection
- I.P.E.

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity
- Manuel Cargaleiro



110. CARGALEIRO
RIBATEJO
Óleo s/ tela
Assinado e datado ao centro 1972
Dim.: 33,0 x 24,5 cm

CARGALEIRO
RIBATEJO
Oil on canvas
Signed and dated 1972
Dim.: 33,0 x 24,5 cm



111. JOANA VASCONCELOS
SEM TÍTULO - MÁSCARA
Crochet em algodão
Assinado; não datado
Dim.: 70,0 x 16,0 cm

JOANA VASCONCELOS
UNTITLED – MÁSCARA
Cotton crochet mesh
Signed; undated
Dim.: 70,0 x 16,0 cm

Peça executada para um evento no Lux



112. JOANA VASCONCELOS
ENAMORADOS
Cerâmica vidrada revestida
a crochet
Assinado e datado 2005
Dim.: 48,0 x 58,0 x 30,0 cm

JOANA VASCONCELOS
ENAMORADOS
Ceramic covered with hand made
crochet mesh
Signed and dated 2005
Dim.: 48,0 x 58,0 x 30,0 cm

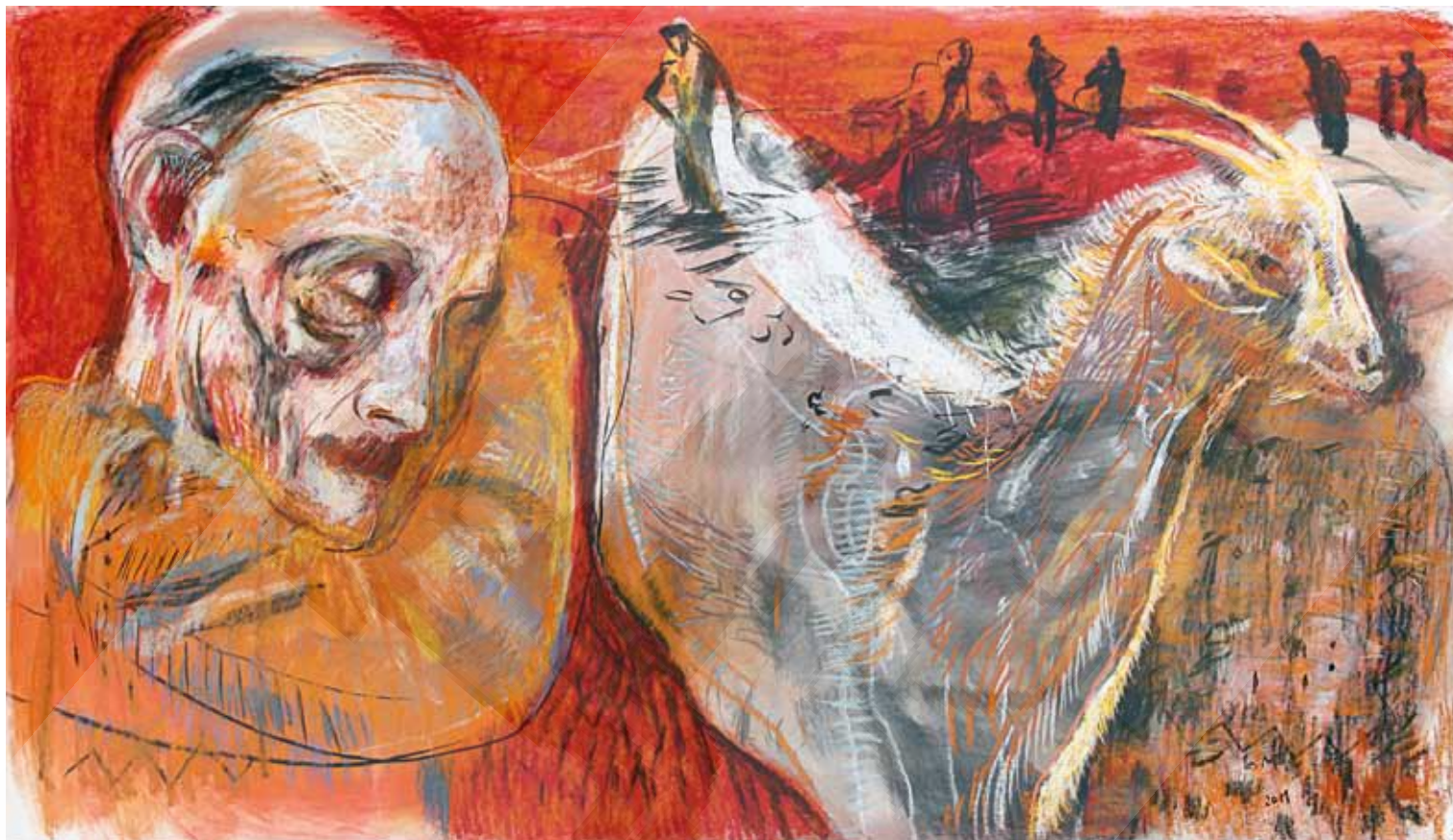
Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Joana Vasconcelos"; ADIAC - Associação para a Difusão Internacional
da Arte Contemporânea; Lisboa, 2007; p. 181



113. GRAÇA MORAIS
MULHER MÃE
Acrílico s/ tela
Assinado e datado 2012 c.i.d.
Dim.: 55,0 x 46,0 cm

GRAÇA MORAIS
MULHER MÃE
Acrylic on canvas
Signed and dated 2012
Dim.: 55,0 x 46,0 cm



114. GRAÇA MORAIS
A CAMINHADA DO MEDO I
Carvão e pastel s/ papel
Assinado e datado 2011 c.i.d.
Dim.: 114,0 x 200,0 cm

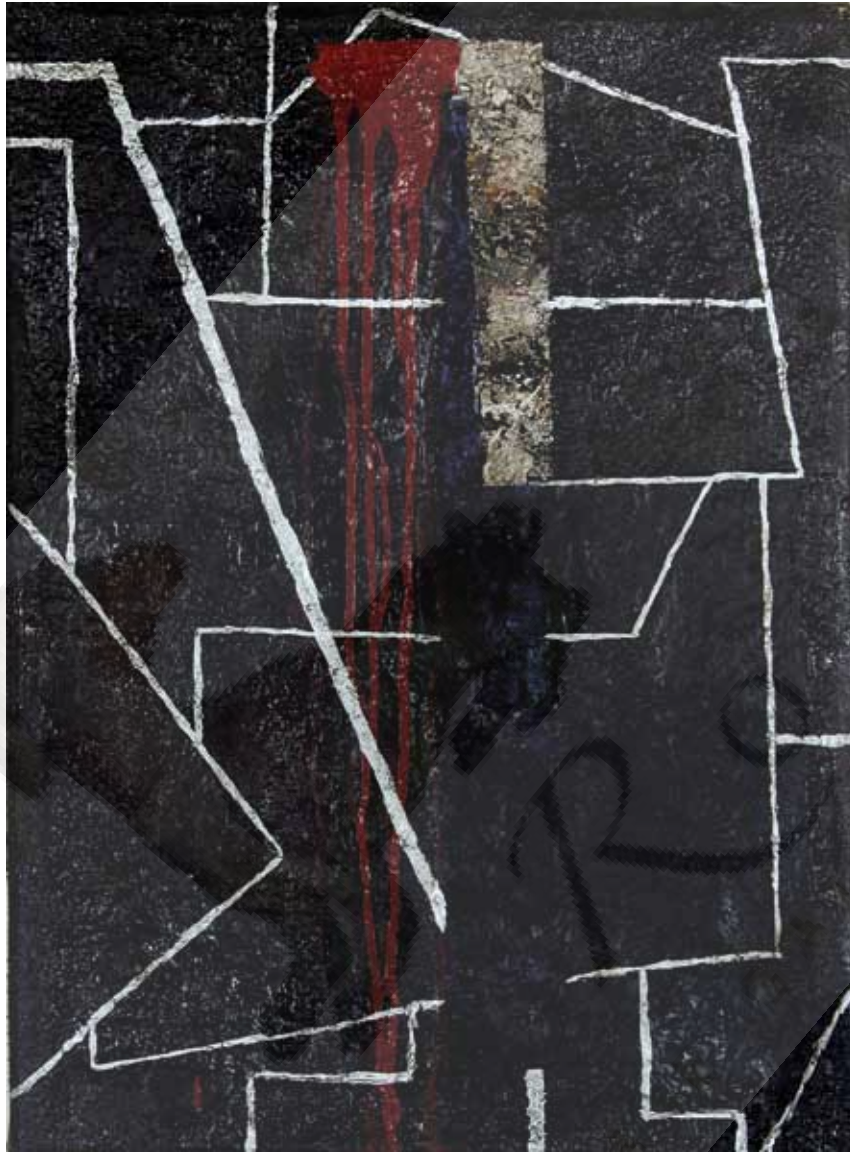
GRAÇA MORAIS
A CAMINHADA DO MEDO I
Charcoal and pastel on paper
Signed and dated 2011
Dim.: 114,0 x 200,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:

- "Graça Morais"; Prémio de Artes Casino da Póvoa; 2011; p. 140/141

Figurou em: / Exhibited in:

- "Os Desastres da Guerra"; F. Arpad Szenes-Vieira da Silva; Lisboa, 2013



115. JOSÉ FELICIANO
SEM TÍTULO
Técnica mista s/ tela
Não assinado; não datado
Dim.: 71,0 x 51,0 cm

JOSÉ FELICIANO
UNTITLED
Mixed media on canvas
Unsigned; undated
Dim.: 71,0 x 51,0 cm

Certificado de Autenticidade / Certificate of Authenticity
- José Feliciano



116. **ÁLVARO LAPA**
SEM TÍTULO
Técnica mista s/ papel
Assinado e datado 72 c.i.e.
Dim: 38,5 x 29,5 cm

ÁLVARO LAPA
UNTITLED
Mixed media on paper
Signed and dated 72
Dim: 38,5 x 29,5 cm



117. PEDRO CALAPEZ
RUÍNA VERDE
Acrílico s/ tela
Assinado e datado 1995 no verso
Dim.: 199,0 x 149,0 cm

PEDRO CALAPEZ
RUÍNA VERDE
Acrylic on canvas
Signed and dated 1995
Dim.: 199,0 x 149,0 cm



118. PEDRO CALAPEZ

SEM TÍTULO

Técnica mista s/ madeira

Assinado e datado 1988 no verso

Dim.: 22,0 x 40,0 cm

PEDRO CALAPEZ

UNTITLED

Mixed media on canvas

Signed and dated 1988

Dim.: 22,0 x 40,0 cm



119. ANTONIO PALOLO
SEM TÍTULO
Técnica mista sobre tela
Assinado no verso; não datado
Dim.: 77,0 x 76,0 cm

ANTONIO PALOLO
UNTITLED
Mixed media on canvas
Signed; undated
Dim.: 77,0 x 76,0 cm



120. PEDRO CASQUEIRO
LADEZLO
Acrílico s/ tela
Assinado e datado *Janeiro 2011*
no verso
Dim.: 130,0 x 195,0 cm

PEDRO CASQUEIRO
LADEZLO
Acrylic on canvas
Signed and dated *Janeiro 2011*
Dim.: 130,0 x 195,0 cm

Reproduzido em: / Illustrated in:
- *Mundial Confiança*; 2012; cat.

Figurou em: / Exhibited in:
- "Pedro Casqueiro Tríptico"; *Chiado 8 Arte Contemporânea*; Lisboa, 2012



121. JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU I
Técnica mista s/ cartão
Assinado e datado 1988 no verso
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU I
Mixed media on cardboard
Signed and dated 1988
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

122. JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU II
Técnica mista s/ cartão
Assinado e datado 1988 no verso
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU II
Mixed media on cardboard
Signed and dated 1988
Dim.: 17,0 x 36,5 cm



123. JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU III
Técnica mista s/ cartão
Assinado e datado 1988 no verso
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU III
Mixed media on cardboard
Signed and dated 1988
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

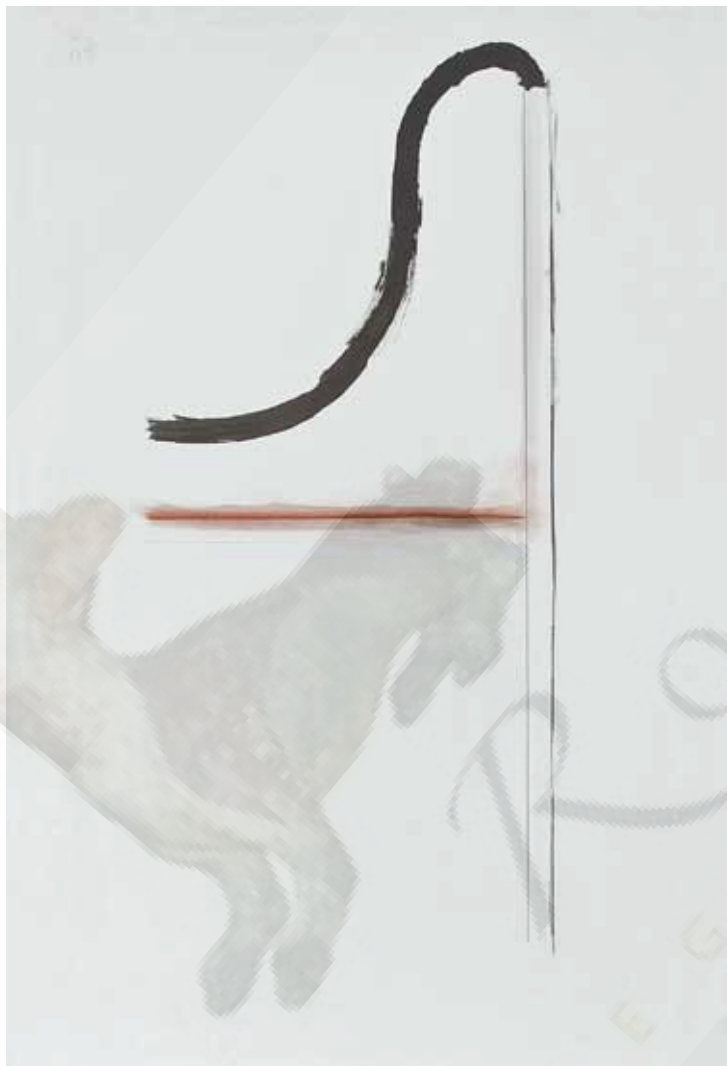


124. JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU IV
Técnica mista s/ cartão
Assinado e datado 1988 no verso
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

JOSÉ LOUREIRO
LUMARÉU IV
Mixed media on cardboard
Signed and dated 1988
Dim.: 17,0 x 36,5 cm

Figuraram em: / Exhibited in:

- "José Loureiro. Pinturas feitas com tinta"; Galeria Módulo; Lisboa, 1997



125. PEDRO CABRITA REIS
SEM TÍTULO

Técnica mista s/ papel
Assinado e datado *Cabrira 91* c.i.d.
Dim.: 112,4 x 84,0 cm

PEDRO CABRITA REIS
UNTITLED
Mixed media on paper
Signed and dated *Cabrira 91*
Dim.: 112,4 x 84,0 cm

Inscrição / Note

- *Cabrira 91 / Chicago May 29*

Figurou em: / Exhibited in:

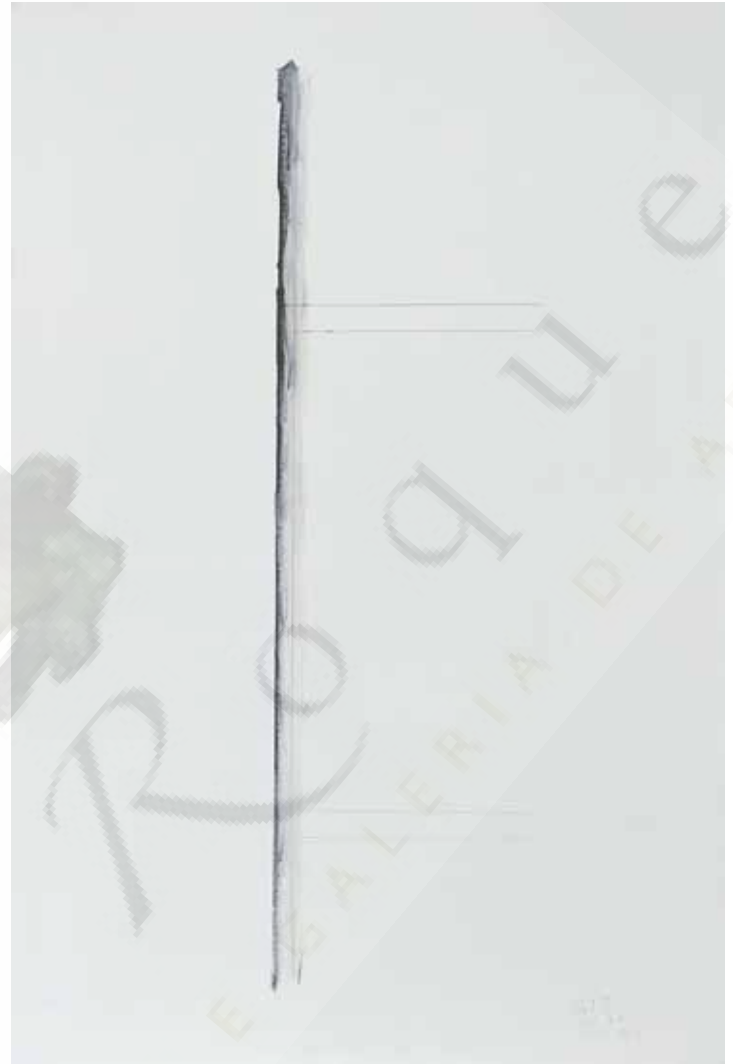
- *Rhona Hoffman Gallery; Chicago, Illinois; 31 Maio/12 Julho*



126. PEDRO CABRITA REIS
SEM TÍTULO

Técnica mista s/ papel
Assinado e datado *Cabrita 91* c.i.d.
Dim.: 112,4 x 84,0 cm

PEDRO CABRITA REIS
UNTITLED
Mixed media on paper
Signed and dated *Cabrita 91*
Dim.: 112,4 x 84,0 cm



127. PEDRO CABRITA REIS
SEM TÍTULO

Técnica mista s/ papel
Assinado e datado *Cabrita 91* c.i.d.
Dim.: 112,4 x 84,0 cm

PEDRO CABRITA REIS
UNTITLED
Mixed media on paper
Signed and dated *Cabrita 91*
Dim.: 112,4 x 84,0 cm

Inscrição / Note

- *For Dennis with Friendship. Thanks for all your help / Cabrita 91*

Figurou em: / Exhibited in:

- *Rhona Hoffman Gallery; Chicago, Illinois; 31 Maio/12 Julho*

Inscrição / Note

- *Cabrita 91 / Chicago May 31 / for Paula with L*

Figurou em: / Exhibited in:

- *Rhona Hoffman Gallery; Chicago, Illinois; 31 Maio/12 Julho*



SÃO ROQUE, ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE RUA DE S. BENTO 199B e 269, 1250-219 LISBOA **T+F** +351 213 960 734 **T** +351 962 363 260 **E** GERAL@SAOROQUEARTE.PT
\$\$\$ WWW.ANTIGUIDADESSAOROQUE.COM **§** **COMPILAÇÃO E ORGANIZAÇÃO** MARIA HELENA ROQUE, MÁRIO ROQUE, ANTÓNIO AFONSO LIMA, ANA ANAHORY,
GRAÇA LOMELINO **§** **EDIÇÃO** SÃO ROQUE **§** **FOTOGRAFIA** JOÃO KRULL **§** **EDIÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGEM** EDUARDO PULIDO **E** EPULIDO@CASEFAZ.COM **§**
DESIGN JOSÉ MENDES GRAPHIC DESIGN STUDIO **E** JMENDESIGN@MAC.COM **§** **TIPOGRAFIA** CHAPARRAL PRO DE CAROL TWOMBY **§** **PRÉ PRESS** BBCE, COMUNICAÇÃO
E EVENTOS **§** **IMPRESSÃO E ACABAMENTO** NORPRINT **DEPÓSITO LEGAL** 342309/12 **§** **TIRAGEM** 600 EXEMPLARES **§** **ABRIL DE 2013** INTERDITA A REPRODUÇÃO
TOTAL OU PARCIAL **§** ©SÃO ROQUE 2013



{RUA DE S. BENTO 199B E 269 § LISBOA}

S
per
ANTIGUIDADES E GALERIA DE ARTE
No 94 e



ANTIGUIDA
PER
S
Galleria de
U
e